Sala
Gab. O.S.
Est.
Tab.
N.º 420

420

Bernardino Machado

A Universidade de Coimbra

Segunda edição

Typographia França Amado,
Coimbra.

2
13
1539

A UNIVERSIDADE

DE COIMBRA

BIBLIOTECA DA UNIVERSIDADE
COMPRA
COIMBRA

Composto e impresso na Typographia França Amado
Coimbra.

BERNARDINO MACHADO

A UNIVERSIDADE DE COIMBRA

SEGUNDA EDIÇÃO

LISBOA

EDITOR-PROPRIETARIO, BERNARDINO MACHADO

1908

Á

MOCIDADE ACADEMICA

O marquês de Pombal *

(AO SR. D. ANTONIO DA COSTA)

MEUS SENHORES!

O Instituto efectua hoje a conferencia com que se propoz celebrar o centenario do benemerito reformador da Universidade, marquês de Pombal, o sabio ministro de D. José, que, á força da autoridade absoluta do seu rei, fez brotar do país sôbre a implantação de numerosas inovações e melhoramentos uma abundante fonte de saber, a qual para futuro levasse per si só o movimento ás grandes e pequenas rodagens do complexo machinismo social que elle andava montando com braço formidavel.

Chamei-lhe reformador da Universidade; a mim sobretudo, que pertenço á Faculdade de filosofia, cumpre-me dizer creador.

* Discurso comemorativo, 1882.

Por isso entendi que da minha parte rendia melhor o preito que, na qualidade de português e professor, me impunha a recordação centenaria do grande marquês, consagrando ao seu imortal espirito uma demonstração do meu interesse pelo mesmo estabelecimento scientifico a que elle dera vida.

Acho-me entre consocios, com cuja benevolencia conto; confesso porém, senhores, que me sinto temeroso de acordar com a minha voz a solene resonancia historica desta reunião.

Meus senhores! A tese de Wallace parece suficientemente demonstrada: a nossa evolução é cerebral.

A natureza na sua incessante perfectibilidade formou o homem. Desde então todo o seu cuidado é apertar cada vez mais as circumvoluções dessa espiral que lançou em torno da verdade, do bello e do bem.

Descobrir a verdade para a amar e para a praticar, eis o supremo destino da natureza, eis o destino do homem!

Some-se toda a complexidade duma civilização — religião, filosofia, misteres, instituições — e ha de encontrar-se, apurado tudo, que ella se compõe de tres elementos, sciencia ou verdade logica, arte ou verdade afectiva, industria ou verdade util. Total, a verdade.

Para ella tẽem corrido em ondas, por vezes alterosas e até ensanguentadas, as gerações umas após outras; debaixo da sua fascinação andamos nós labutando, e é que não temos socego, nós os povos hodiernos.

Foi quem, sôbre os escombros do terremoto de Lisboa, armou cavaleiro Sebastião José de Carvalho e Mello, naquelle seculo dezoito, que sentiu a meio de si desencadear-se, com o arrebatamento dos genios de D'Alembert e Diderot, o furacão da Enciclopedia.

E são suas as chispas gloriosas que aureolam os ferrenhos trabalhadores do nosso tempo; um Darwin, por exemplo. Se lidou esse! Lidou constantemente; e assim, alento a alento, tirou de si a obra assombrosa da teoria das transformações organicas, ou, como para lhe perpetuar o nome melhor se diz, o darwinismo. Tirou-o

de si, a poder de engenho, e com a paciencia com que o oceano — explicou elle — floreja á superficie os colossaes recifes coralinos feitos de animalculos quasi invisiveis. Para sempre seja bemdita a tua memoria, adoravel sabio!

Todo o ruido que o homem faz, é, afinal, a edificação da verdade.

É com o que guarnece a sua casa e o seu país, porque ella tem por si as forças todas da ordem do mundo, desde a atracção newtoniana até a solidariedade das consciencias. Mais ainda; é só ella quem na desordem governa, a tempestade com Maury, a guerra com os Moltkes.

Por exprimir a arte da guerra, por ser a escola onde Pombal foi buscar o conde de Lippe, é que a Prussia, estado facticio — sem forças naturaes do interior por lhe faltar uma determinação ethnologica, sem forças naturaes no exterior, isto é, sem determinação geographica — apenas disciplina e tactica, pelejou vitoriosamente a campanha dos sete annos, comandada pelo rei filosofo, o grande Frederico, a quem só Voltaire meteu medo. Mas Voltaire foi o maior estrategico do seculo, e empu-

nhava não a verdade da desordem, mas a verdade eterna.

Foi essa mesma a que nós tambem já brandímos; ao seu clarão, dobrámos o cabo tormentoso e sulcámos mares nunca dantes navegados, no tempo em que eramos de força para rasgar os áditos duma nova edade.

Meus senhores! Como Proudhon formulou, o clima faz a raça, a raça as idéas, mas só a comunhão destas merece chamar-se nacionalidade. A nação é uma alma! exclamava outro dia na Sorbonne o sr. Rénan..

Ter as paixões e os arranques do mesmo pensamento, sofrer a sua obsessão com todos os desvarios até, por elle ousar temerarias viagens e bater-se na Africa e na Asia, sacrificar-lhe tudo, D. Fernando em Tanger e a propria existencia em Alcacer-Kibir, arvorá-lo, um momento que fôsse! triunfante nas terras e nos mares, cantá-lo com Camões: assim se conquista o direito de nação, foi como o conquistámos.

A nacionalidade é uma floração que tem as suas raizes no pensamento.

Admiremos os feitos dum Gama, dum Albuquerque, mas primeiro ajoelhemos aos pés do altar que tanto antes o infante D. Henrique levantara á sciencia no Promontorio Sagrado.

Rendamos primeiramente o culto professado pelo marquês de Pombal no preambulo da carta de lei que diz: « ... Faço saber a todos que esta Carta virem, que havendo Eu considerado que da boa, e regular instrucçaõ da Mocidade he sempre taõ dependente o bem Espiritual, e a felicidade temporal dos Estados; para a propagação da Fé, e augmento da Igreja Catholica; e para o serviço dos Soberanos, e utilidade publica dos Povos, que vivem debaixo do seu Governo; como nestes Reinos testificáraõ os Gloriosos, e fecundos progressos, com que por effeito dos Estudos, e da Companhia, que o memoravel Infante Dom Henrique estabeleceo, e fundou na villa de Sagres, e na cidade de Lagos, para a Astronomia, Geografia, Navegação, e Commercio maritimo, se formáraõ os muitos Sabios, e famosos Varões, que, depois de haverem dilatado com os seus illustres feitos os Dominios desta Coroa na Africa

Occidental, os achou o Reinado do Senhor Rei Dom Manuel taõ graduados e taõ experimentados; naõ só naquellas utilissimas discíplinas; mas tambem na mais sã, e mais sólida Politica Christã, com que em poucos annos por mares até entaõ desconhecidos descubriraõ, e Conquistáraõ duas taõ grandes porções da Asia, e da America... »

Quanto póde a inteligencia, senhores! Nós só um ideal tivemos, elle a principio nem passava duma chimera, e imortalizou-nos o nome.

Mas, por muito que uma concepção propria nobilite um povo, não póde garantir-lhe a nacionalidade senão pelo tempo que dure a sua acção; concluida esta, ha de outra concepção suceder-lhe, tambem nacionalizadora. Para manter os laços nacionaes, a tradição não basta; as gentes que não sabem que fazer pelos progressos da humanidade, tornam-se passivas das nações dignas deste nome, e tanto se aviltam e esfacelam, que tudo nellas vem a destecer-se, até a religião dos seus maiores.

Nós, depois das nossas conquistas, ficámos sem acôrdo.

Nem surprehende. Só por ellas nos enlevaramos, sómente para ellas nos haviamos aparelhado em incessantes viagens e combates: entrámos na sua posse com o impeto dum antigo desejo, asperrimo, irracionavel. Foi um delirio que veiu a ser uma prostração; desatinados, obliterado o mesmo sentido das passadas proezas, no paroxismo, arrancámo-nos para a jornada d'Africa e lá sucumbimos.

Entretanto do choque do nosso corpo social sôbre o imenso imperio avassallado fusilou uma faisca eterna, os *Lusiadas*. E' o poema das glorias patrias, mas é tambem o monumento da nossa miseria. Mostra-nos o que um homem de genio pôde para a arte, em contraste do que para o seu futuro e para o mundo desperdiçou uma nação enervada pelo proprio triunfo, a nação ainda do cosmografo Pedro Nunes.

Por falta de pensamento que nos norteasse, até a independencia tivemos perdida.

E comtudo estiveram deante de nós regiões e sociedades tão apartadas, que nada, parece, seria mais adequado para dilatarmos tambem os dominios do espirito: acrescen-

tarmos a sciencia da natureza com descobertas maiores que as de nenhum viajante, ainda que houvesse de chamar-se Alexandre de Humboldt, porque eram as descobertas de todo um povo viajante, e portanto desenvolvermos a nossa produção, adquirindo mais materias primas, adquirindo e inventando novos processos; adeantarmos a sciencia dos costumes, fazermo-nos portanto nós mais humanos e melhores os outros; emfim desferirmos pujantemente o nosso estro artistico. Vibraria a alma portuguêsa nos arroubos dum novo e mais alto ideal!

Em vez dessa exploração progressista, foi bem outra a que exercémos quasi sempre, barbara, esterilizadora. Desbaratámos tudo, e em consequencia as nossas virtudes tambem. Uma fatalidade!

E nós, que ultrapassaramos ovantes as antigas barreiras do mundo, chegámos a ter medo delle, á sua força dominadora, a mesma com que vararamos em remotissimas paragens, e lançámos para fóra do reino uma população laboriosa que encerrava os germens donde havia de saír um Spinosa e já nos nossos dias um Disraeli! E nós, que descerraramos as caligens do misterioso

mar, nós que afrontaramos o Adamastor, acabámos por ter medo a fantasmas, e, entrevecidos, supersticiosos, fomo-nos escondendo todos debaixo da roupeta do jesuita, nós antigos cavaleiros e homens de armas!

Ainda lá nos veiu encontrar o marquês de Pombal.

O marquês de Pombal, meus senhores, sabia de cór a historia da nossa prosperidade e grandeza, da nossa decadencia e ruina; sabia que só pela sciencia nos tinhamos enaltecido, e que tombaramos de chofre, mal se nos consumiu a razão inflamada pelas irradiações do oiro e pedrarias. O seu programa foi portanto este: arrancar do país a inextricavel vegetação parasitaria que o sugava, a ignorancia; e, depois delle bem revolvido, semeá-lo de saber.

A ignorancia tinha um sacerdote, um paladino, um consocio, o jesuita: expulsou-o. Era a ignorancia fanatica: quebrou-lhe as armas na Inquisição, e impossibilitou-lhe as victimas, os christãos novos. Era deshumana: aboliu a escravatura na metropole e

emancipou os indios no Brazil. Era imoral: cominou severamente os concubinatos publicos. Era arrogante, odienta, cruel: abafou no cadafalso a conspiração dos nobres. Era vã, perdularia: mandou arrazar os vinhedos dos campos do Tejo, Mondego e Vouga, e denunciou o tratado de Methwen. Era a ignorancia doutorada: demoliu o velho ensino. Em suma, atacou-a a todos os lados e subjugou-a sempre!

Foi a sua obra de destruição, que elle cumpriu indefessamente, com o ciume do seu amor pela vida colectiva da nação, um ciume violento, e que elle cumpriu por isso inexoravelmente, com desprêzo até das vidas individuaes, que, na verdade, se haveriam tornado muito despreziveis, se tal sentimento fôsse legitimo.

E, ao passo que se saía victorioso desta luta atletica, os seus olhos demandavam o futuro. Anciava-o o futuro, a felicidade dos vindoiros.

A velha sociedade, senhores, estava constituida em tres ordens, e estas divisões impunham grandes linhas a quem tentasse

a sua reformação. Escusado será acrés-centar que ellas entraram no plano do marquês de Pombal. Para trabalhar para todo o país, elle trabalhou pelo clero, pela nobreza e pelo povo.

Serviu o clero, que, por sinal, o remu-nerou bizarramente.

Quasi nunca se faz justiça ao clero. Esquece-ee demasiadas vezes que, se a Egreja teve de pôr fatalmente os interesses da classe em conflito com os supremos interesses da humanidade, ella — deposi-taria da religião, essa sciencia primitiva, tão maravilhosa que se afigurou sobre-natural e por isso investiu os seus sacer-dotes num resplendor do ceu — se pre-tendia a obscuridade do mundo para ella só rebrilhar nas trevas, e romanizava-se e desnaturava o jesuita, como o progresso é a lei de continuidade de tudo quanto existe, e não ha forças que o empeçam, ella necessitava á sua parte de se alumiar cada vez mais por esforços de meditação, e de manifestar em publico as suas luzes para conservar o prestigio que adira da sabedoria primitiva; e, como tal, a Egreja serviu grandemente o progresso.

Querem num só homem o exemplo desta duplicidade de acção? Tẽem Urbano VIII, amigo de Galileu, o papa que em cardeal lhe dedicou versos; Urbano VIII, inimigo de Galileu, o papa por meio de quem os jesuitas o encarceraram no Santo Oficio.

Havia porém, sido expulsa a Companhia. A Egreja que ficara, não era já romana, não renegava da sua patria temporal; era a mesma que com o bispo D. Paterno aqui em Coimbra assentara desde o seculo XI os fundamentos ao ensino colectivo, a mesma que aliara o prior de Santa Cruz de Coimbra e o abade de Alcobaça a el-rei D. Diniz para a fundação da Universidade; era, pois, a Egreja do progresso, não do obscurantismo. Basta dizer que a compunham letrados tão conspicuos com o grande Cenaculo. Ella foi o briosissimo colaborador do marquês de Pombal.

Com ella, que na maioria se recrutava do povo e ia sagrar essa origem num estado mais nobre do que a primeira nobreza, procurou Pombal dirigir para as fecundas competencias civilizadoras nobreza e povo.

O problema traduzia-se na equação: fazer com que ninguem deixasse de trabalhar e

com que o trabalho de cada um rendesse. E tinha uma unica raiz racional: instruir.

Nesse proposito creou o marquês um ensino especial no Colégio dos Nobres, e o ensino geral, definitivo esse, com aulas especulativas e profissionaes, menores e maiores, para o lavrador, para o artifice, para o negociante e para os membros de todas as profissões liberaes. Creou escolas para o país inteiro, e meteu-o na escola.

O Colégio dos Nobres foi para o tempo um instituto modelo, e não devemos julgá-lo fóra do seu tempo. Era privilegiado, sem dúvida, mas na sua trama havia uns ares de estabelecimento profissional; e, depois, não fazia mais do que reconhecer o privilegio legal e necessario então existente, não vinha reanimá-lo, tanto que, mal a influencia dos estudos publicos tocou a alma portuguêsa, logo o Colégio dos Nobres começou de ser resorvido.

Estava aprestada a instrução da aristocracia hereditaria.

Mas onde o estadista se sublimou para os nossos respeitos e gratidão, foi nos desvélos com que todo se deu á instrução que era para o povo e de futuro seria para

o país inteiro. E é essa a maior obra do seu genio.

Por ella sobretudo bem mereceu a corôa civica com que a posteridade ainda um seculo depois lhe galardôa o eminente prestimo.

Como havia, senhores, de ter ordem e praticar a lealdade o nosso comercio, como então aproveitar a sí e ás industrias que lhe incumbia servir, se estava falido dos simples conhecimentos requeridos para arrumar as suas transacções? Em vista do que, o marquês de Pombal não só o fez condensar as suas forças em companhias a que ainda não chegara o momento historico de espontaneamente se formarem; mas poz ao lado do seu ajuntamento a aula de comercio, e tornou obrigatorios os alunos della para todas as grandes administrações, inclusivamente o Estado.

As industrias tinham morrido ou definhavam, sem mercado, sem technica. Elle protegeu-as, restabeleceu-as, naturalizou-as, levando até o puro capricho da moda a vestir-se de briche; e principalmente as impulsou, abrindo dentro das mesmas fabricas oficinas de aprendizagem.

A agricultura desnorteara-se; nós falsificavamos o vinho, e, com todas as nossas minas, esmolávamos o pão. Então elle sobrepoz-nos a tutéla que delegou para o norte na companhia do Alto Douro; e, porque o mal vinha do atrazo intelectual dos lavradores — como poderiam lá rastrear as sãs praticas agricolas, se andavam numa rotina escura, sem entender ao menos o alfabeto das letras e dos algarismos? — por isso o marquês de Pombal lançou por cima delles a luminosa rede de escolas régias que estendeu desde a metropole até aos indigenas americanos.

Só no reino elle mandou colocar 502 cadeiras de primeiras letras, 502 mêsas, portanto, junto ás quaes muita gente lograria ir receber o pão eucaristico do espirito.

Exprimo-me assim, senhores, porque são as primeiras letras que dão ao homem a faculdade de conviver com os que falaram ou escreveram memoravelmente a sua lingua, os representantes da *alma mater* da patria, aquelles que, entre muitos outros conselhos valiosos, lhe persuadem o culto do civismo; são ellas a unica consolação

na saudade pelo parente ou amigo distante; e, com ellas, não ha pobre que não possa amealhar no patrimonio comum uma observação nova ou uma acção original, uma virtude das coisas ou um heroismo seu. Que quasi sempre essas migalhas, brilhantes que só na alma humana cristalizam, vão enterrar-se na valla rasa dos seus ignorados donos; e até das mãos consagradas a puros lavores intelectuaes, até dentro do templo da sciencia, ellas caem ás vezes para se sumir no limbo das noticias diversas, onde acabo de ver referida a morte do estudante de medicina, Leão Thillet, sacrificado em París na operação do crup a uma creancinha *.

A instrução primaria afervora o amor da patria; mas a secundaria, como se estendia no tempo do marquês, tinha o mais ambicioso escopo de acordar para o amor da humanidade, e por isso até se lhe chamava humanidades.

* Depois disto escrito, o autor soube que o sr. Grévy mandara ao cemiterio um dos seus ajudantes colocar no peito do malogrado Thillet a insignia da Legião de Honra.

A nossa historia, com tantos tomos quantos os autores domesticos, era o livro por onde convinha começar a leitura; mas, depois, havia que ler as grandes civilizações exploradas, Grecia e Roma principalmente. Já estavamos senhores do nosso pensamento nacional, sabiamos expressar-nos á portuguêsa; restava aprender as leis geraes do pensamento e acurar as regras do bom gôsto.

Com esse fim, o marquês de Pombal abriu aulas de latim, grego, logica, retorica, e nem lhe esquecia encomendar a lingua santa ás congregações religiosas.

E, como, á medida que nos erguessemos no reino, a nossa vista, orientada pelas tradições, devia ir abrangendo os países para onde se nos alargava num horizonte glorioso o campo da actividade futura, elle, a quem esteve sempre presente o nosso destino, não desatendeu o ensino geral das linguas indispensaveis ao nosso dominio nas possessões e á nossa influencia entre vizinhos, quer da Europa, quer de fóra, a principiar logo na Africa mediterranea. Além de que o francês, o italiano, o inglês eram ensinados evidentemente com este fim

diplomatico no Colégio dos Nobres, e importou-os comsigo a legião de estranjeiros que se pozeram ao serviço da nossa renovação social. Até de Damasco se aproveitou João de Sousa, autor duma gramatica arabica, e nosso negociador com os Estados Berberescos.

Instrução primaria e secundaria designaram-se conjuntamente pelo nome de estudos menores.

Esmerou-se o marquês em os organizar. Deu-lhes um corpo central — a Real Mesa Censoria —, membros intermedios — os delegados, um dos quaes na Bahia, e os visitadores —, além do professorado; e, com os preceitos que decretou ao funcionamento desta hierarchia, administrou-os relevantemente. Elle tanto zelava os estudos menores, que no mesmo ensino livre os garantiu, exigindo carta de habilitação aos que o professassem, o que havemos de confessar que é bem preferivel á liberdade sem disciplina, que entrega os paes de familia ao ilusorio conspecto dos reclamos.

Os estudos menores preparavam para as Faculdades mediante um exame, ao modo da madureza que recentemente houve.

Achamo-nos em presença da Universidade, meus senhores! Levanta-se deante de nós esta reedificação de incomparavel magnificencia, que foi traçada com tamanho arrojo, que um seculo passou já sem ser capaz de a concluir.

E eu sinto-me embaraçado, senhores, para lhes falar da Universidade! Em volta della esvoaçam para mim quasi todas as imagens da minha vida. Revejo os meus queridos camaradas, que o vento da fortuna dispersou rudemente ás maiores distancias, desde as eminencias sociaes até o inacessivel fundo do sepulcro — que, ai! ainda nas bancadas das aulas cada anno tivemos de cerrar as nossas fileiras para tapar os claros abertos pela morte —; e alembram-me os meus mestres e outros mais professores, com tantos talentos, a qual mais dificil de transmitir, cuja palavra reboava por todas as Faculdades universitarias, e hoje apenas vibra nos ecos que deixou...

Perdoem-me a suspensão. A todas as recordações pessoaes na Universidade deve

avultar a memoria excelsa do marquês de Pombal.

Sim, senhores, só um homem extraordinario pôde trazer para dentro da nossa instrução superior os derradeiros dois seculos, em que a sciencia parecia havê-la desertado; só forças descomunaes puderam amplificá-la tanto, que nella viessem a caber Bacon e Descartes, Newton e Leibniz.

Imaginem! Multiplicara-se a matematica, chegava-se á mecanica celeste, quer dizer, a Laplace; a fisica progredia com um Franklin, por exemplo, o domador do raio e da tirania; já Buffon escrevera a historia natural do homem; havia Rousseau — estava até para explodir a revolução de 89 —; tinha nascido Hegel: e nós marcavamos o passo na doutrina aristotelica!

Não se condena em absoluto a escolastica. Foi o produto legitimo da meia-edade, que, enclausurando em massas enormes o homem especulativo, longe de todos os interesses materiaes, evidenciou num novo mundo, cujas sombras se projectaram sôbre toda a natureza, que, a den-

tro do cidadão e do escravo, a dentro do senhor e do servo, havia um fundo comum a todas as classes, a alma humana; e produzia por um lado o desenvolvimento intelectual que se chamou escolastica, e por outro lado revindicava a liberdade nas comunas. A escolastica foi o gimnasio onde a inteligencia se temperou para as conquistas modernas. Mas, assim como os exercicios fisicos ahi se desmandam em extravagancias funambulescas, as contenções escolasticas tornaram-se num espectaculo de circo, em vez de servirem de revigorar os entendimentos para emprêsas productivas. Pozeram-se os homens a filosofar indefinidamente, desavisados de que só pela cultura scientifica póde progredir a filosofia, que é a mesma sciencia feita consciente; e, desse modo, nada vingaram senão um *systema de ignorancia artificial,* como se expressa o marquês de Pombal na carta de roboração dos Estatutos da Universidade.

Era realmente fantasmagorica a nossa instrução superior. Assim concluira o seu Compendio historico do estado da Universidade de Coimbra a meretissima Junta da

Providencia Literaria, formada pelo marquês para a inspeccionar. Urgia restaurá-la á sua verdade e pureza.

Os estudos menores haviam estreado a nação nos dominios da racionalidade, e policiado o pensar e o falar para que os percorressem prudentemente. Cumpria seguir ávante: inventariar as noções; alcançar a sistematização do mundo concreto, extensa como as classificações historico-naturaes que Linneu compoz a esse tempo, ou como as ordenações legislativas dos costumes humanos, no seio das quaes em breve se geraria o codigo napoleonico; e finalmente transcender aos principios abstractos que promanavam desde a suprema algebra.

A tamanha alteza quiz Pombal elevar a nação; e encarregou a Junta Providente de elaborar em projecto a reorganização universitaria, com o fim de lhe prevenir em todas as partes um desenvolvimento harmonico.

Depois, das mãos de D. Francisco de Lemos saíu refundida a teologia, refundiu a jurisprudencia o dr. João Pereira Ramos, a medicina o dr. Antonio Nunes Ribeiro Sanches, e José Monteiro da Rocha mode-

lou pela primeira vez a matematica e a filosofia. Preclaros autores da moderna Universidade, nos Estatutos que lhe conferistes, ficou o titulo nobiliarchico dos vossos peregrinos talentos!

Os Estatutos não só dotaram a Universidade com a sciencia na sua unidade e variedade; mas disciplinaram a sua aquisição para mestres e discipulos com uma metodologia que faz lembrar na dedução a sentença de Condillac invocada por Lavoisier *, e que reclamava para a observação e experiencia o espaço sôbre o qual depois assentaram o observatorio astronomico, os muzeus, os laboratorios, os gabinetes e o jardim botanico. E fizeram mais: franquearam a transmissão scientifica, permitindo toda opinião, permitindo não só a mutua discussão entre os alumnos, mas a discussão dos alumnos para os professores, e ainda permitindo ao pé do ensino oficial todo e qualquer outro que pretendesse as aulas e o publico universitario.

Chegou o dia 22 de setembro de 1772. Nesse dia entrou o marquês de Pombal em

* No discurso preliminar do seu tratado de chimica.

Coimbra para dar posse á Universidade da sua Reforma. E o país pôde contemplar-lhe a épica figura no fastigio da instrução publica, por elle erigida desde os fundamentos.

Elle, que iniciara o tirocinio das artes a par com a educação civica, que constituira a educação humanitaria, veiu pôr ao alcance dos estudiosos as genuinas faculdades que habilitavam para as magistraturas sociaes, faculdades de trabalho proficiente, não já de esteril jogo mental. E, juntamente com o ensino oral em todos os graus, tornava acessivel na mesma extensão o livro por meio das tipografias que fundou, a Impressão Regia e a Imprensa da Universidade. É isto dizer que elle nos entregou os instrumentos transmissores de todo o saber, portanto os transmissores das varias industrias, a da justiça, a do patriotismo e a dos negocios, da civilização em summa: e entregou-nos tambem o proprio motor da prosperidade, para que por nós mesmos vivessemos e restaurassemos os fóros de nação, porque cometeu superlativamente á Universidade a função de produzir idéas suas, idéas portuguêsas.

Emfim o marquês de Pombal preparou-nos a soberania da razão para chegarmos a alcançar a soberania nacional, deu-nos uma nova Sagres para que outra vez nos repontasse o oriente. Foi o descendente directo do Infante D. Henrique, como elle sabio e impassivel. Prodigiosos ambos! O infante legou-nos a honra do passado; Pombal, a esperança no porvir.

E ha portuguêses que não têem olhos para lhe reconhecer a descompassada estatura! Mais! de longe da patria, donde o coração exilado esmalta atravez de lagrimas as visualidades nataes, um português provocou o desmentido fulminante que na imprensa desta cidade um distinto filho * della fez soar!

Pois o marquês de Pombal, enorme em todo o tempo e em qualquer país, foi um estadista singular para a nossa terra e sobretudo então para a sua época, época em que ás suas poderosissimas mãos os caracteres já de per si, pelo seu amolecimento, mal resistiam, época em que elle necessitou importar para a sua obra até esta alavanca, o homem.

* Joaquim Martins de Carvalho.

Meus senhores! Tirem-se as consequencias a essa obra, e a nossa grandeza evidenciará a todos os olhos a do estadista que a concebeu. Tirem-nas todos! Tire-as a Universidade! A ella direi, em sinal dos afectos que lhe voto: a soberba construção do marquês de Pombal precisa que a habite uma alma feita de verdade e de justiça; inspirai-lha e resuscitareis o nosso genio nacional!

Museu d'historia natural

Senhores deputados!

Os estatutos universitarios dispozeram que a intendencia do Museu pertencia ao professor de historia natural, e assim devia ser, quando havia um unico professor que a ensinava numa aula do segundo anno filosofico. Mas depois a Faculdade de filosofia tem-se desenvolvido, e hoje a historia natural é professada de tres cadeiras, de mineralogia, de botanica, de zoologia, e sê-lo-ha de quatro, logo que o parlamento com a sanção régia legisle a creação na Universidade do ensino da anthropologia.

Hoje, pois, não ha professor de historia natural, mas professores, a cada um dos quaes cumpre cuidar da secção respectiva do Museu, e deve pertencer a direcção della

para que á responsabilidade corresponda a autoridade.

E' com este proposito que tenho a honra de vos submeter o seguinte

PROJECTO DE LEI

Artigo 1.º Deixará de haver direcção geral do Museu da Faculdade de filosofia da Universidade por algum dos seus professores, e cada secção do Museu será dirigida especialmente pelo professor da aula respectiva.

Art. 2.º Fica revogada a legislação em contrario.

Camara dos deputados, 1883.

Carta d'habilitação

Senhores deputados!

Pelo facto talvez da divisão dos cursos preparatorios para a Escóla do exercito pelas tres Faculdades, de direito, de matematica e de filosofia, a Universidade ainda não impetrou a atribuição que lhe pertence de conferir aos seus alunos que concluirem qualquer desses cursos, uma carta que os habilite a entrarem naquella escóla. Em consequencia disto, o uso que tinha havido da Escóla politechnica passar tal diploma, no tempo em que os estudantes da Universidade ali iam frequentar certas aulas complementares para perfazerem os preparatorios exigidos pela Escóla do exercito, uso bem entendido e prescrito pela portaria do Ministerio da guerra de 15 de julho de 1853

e pelo aviso do mesmo ministerio de 16 de janeiro de 1854, esse uso foi-se mantendo, quando já se tornara inutil e inconveniente por saírem os alunos da Universidade inteiramente preparados pelos estudos concluidos neste estabelecimento a serem logo admitidos á primeira matricula da Escóla do exercito.

Atendendo, pois, a que tal diploma, com o nome que tem de carta de equivalencia, mais parece hoje uma revalidação dos atestados universitarios, que não esteve nunca por certo na mente de ninguem, porque seria ofensiva da hierarchia academica; atendendo mais a que o principio nesta materia deve ser, quanto possivel, que cada estabelecimento scientifico do estado julgue por si proprio, sujeito sómente á inspecção superior, do grau de aproveitamento dos seus alunos, e aos que mereçam aprovação garanta com toda a autoridade o diploma da sua capacidade e habilitações, a que só assim ficará consagrada a dignidade do magisterio publico, a dignidade portanto dos estudos; tenho a honra de submeter á vossa ilustrada apreciação o seguinte

PROJECTO DE LEI

Artigo 1.º A' Universidade de Coimbra compete passar aos estudantes que tenham concluido nella os cursos preparatorios para a Escóla do exercito, para a Escóla naval, ou para qualquer outro estabelecimento scientifico superior, as respectivas cartas de habilitação requisitadas á entrada desses estabelecimentos.

§ unico. O governo fixará os emolumentos destes diplomas.

Art. 2.º Fica revogada a legislação em contrario.

Camara dos deputados, 1883.

Classificação dos alumnos

Senhores deputados!

O decreto de 10 de novembro de 1851, a portaria de 7 de junho de 1852 com o oficio de 13 de setembro do mesmo anno, e a portaria de 12 de junho de 1853 determinam que o conselho da Escóla politechnica classifique para as armas chamadas especiaes os alunos que hajam concluido com aprovação o curso trienal, que é comum preparatorio para todas tres. Votam, pois, na Escóla para esta classificação os professores de matematica, de filosofia, de economia.

Ao mesmo tempo que na Escóla politechnica é este o preceito, na Universidade de Coimbra só combinam a mesma classificação lentes da Faculdade de matematica.

E' manifesto o perigo de tal restrição. Os estudantes atendem apenas ás suas aulas de matematica; nas outras basta-lhes a aprovação, ainda que seja *simpliciter*. Para o evitar de futuro, tenho a honra de submeter ao vosso juizo o seguinte

PROJECTO DE LEI

Artigo 1.º A classificação dos alunos da Universidade de Coimbra que se destinem ás armas especiaes, será feita por um jury composto do reitor, presidente, e dos professores de matematica, de filosofia, de economia politica e de desenho, a quem incumba o curso trienal preparatorio para as mesmas armas, e logo depois referendada ao conselho reunido das duas Faculdades de matematica e de filosofia.

Art. 2.º Fica revogada a legislação em contrario.

Camara dos deputados, 1883.

Explorações mineralogicas, botanicas e zoologicas

Propomos que no orçamento da despesa da Faculdade de filosofia se consigne uma verba, cuja fixação deixamos ao arbitrio da comissão do orçamento, para explorações zoologicas, botanicas e mineralogicas.

Camara dos deputados, 1883.

F. Gomes Teixeira,
José Novaes,
Wenceslau de Lima,
Bernardino Machado.

Creação do ensino d'anthropologia *

Senhores deputados!

Quando a reforma pombalina creou a Faculdade de filosofia da Universidade, foi com uma comprehensão e com uma extensão que depois se alteraram. Logo com Brotero os estudos naturaes desenvolvem-se tanto, que rompem os laços que os uniam aos estudos racionaes e moraes, e, equilibrando-se sobre si proprios, tomam sós a Faculdade toda. E, depois, esse desenvolvimento esgota os recursos da experimentação ordinaria, e vai até ás aplicações sem serem da sciencia pela sciencia, á agricultura, á arte de minas, procurar mais instrumentos de progressão. Tal foi a energia de que esteve

* Projecto de lei apresentado á Camara dos deputados em 1883.

animada a Faculdade de filosofia! Mas em seguida esmoreceu e não logrou levar a cabo a sua obra, dar independencia ao seu aditamento profissional, diferenciá-lo de si, restaurando-se ella á sua pureza especulativa; e conserva-se num estado tumultuario, que deveria ter sido apenas passageiro.

Está claro que ninguem condena o ensino profissional numa Universidade. Profissional é o de medicina, é o de jurisprudencia; por certo até conviria que em Coimbra houvesse solidos estudos de agricultura e de mineração, menos porém numa Faculdade de filosofia.

Estão-lhe assinados termos que não lhe é licito ultrapassar. E que isto não pareça simples escrupulo lexico. Ás diversas expressões correspondem phenomenos heterogeneos. Aqui vemos nós que a Faculdade de filosofia mantem em si, subordinado á mesma denominação, o ensino profissional, não porque lhe pertença, mas porque, gerado della, ainda até hoje não pôde adquirir vida autonoma.

Nesta faculdade não ha meios senão de ler a industria agricola e a mineira; para as praticar, nenhuns.

Acabe-se, pois, com tal ensino, que nada aliás impede que se reorganize devidamente, quando as necessidades publicas o reclamem.

Eliminado da cadeira de mineralogia e geologia o ensino da arte de minas, e suprimida a cadeira de agricultura, não faltará materia para as lições da primeira; só resta saber por que deverá substituir-se a outra.

A resposta não é duvidosa.

Entre o homem fisico e o homem moral todos reconhecem co-relação, mas não se segue bem; a nossa ignorancia do sistema nervoso separa os dois dominios. Esta separação divide uma Faculdade completa de filosofia em Faculdade de sciencias e em Faculdade de letras.

A nossa Universidade não possue aquella; mas possue as Faculdades de matematica e de filosofia, uma e outra filosofica, — os estatutos de 1772 assim consideravam a de matematica, posto que lhe não dessem esse nome — e as duas reunidas perfazem uma Faculdade de sciencias.

A Faculdade de matematica estende-se até onde o calculo chega, em toda a sua larguêsa; vai, pois, neste momento scienti-

fico até ao ensino da fisica chamada matematica; a de filosofia natural tem de ir até onde possam alcançar a fisica e chimica, isto é, hoje tem de ir até á fronteira do mundo moral.

Ora o mundo moral é principalmente o homem moral. Portanto a Faculdade de filosofia deve ensinar desde a fisica até a anthropologia. Aqui então pára; além, no homem moral, começa a Faculdade de letras. Faculdade de sciencias e Faculdade de letras completam assim todo o estudo especulativo.

Falta, pois, á Faculdade de filosofia da Universidade a cadeira de anthropologia; aproveite-se o ensejo de a colocar em substituição á de agricultura.

Estas considerações levam-me ao seguinte projecto de lei, que tenho a honra de submeter á vossa esclarecida apreciação.

PROJECTO DE LEI

Artigo 1.º E' suprimido na Faculdade de filosofia da Universidade o ensino da arte de minas e da agricultura, zootechnia e economia rural.

Art. 2.º O actual ensino da agricultura, zootechnia e economia rural será substituido na mesma cadeira pelo da anthropologia.

§ unico. Ficará anexa á aula de anthropologia a secção respectiva do Museu.

Art. 3.º Fica revogada a legislação em contrario.

Naturalistas ajudantes

Senhores!

Por carta de lei de 7 de maio de 1878 foram creados os logares de naturalistas adjuntos na Faculdade de filosofia da Universidade e na secção filosofica da Escóla politechnica com o ordenado anual de 400$000 réis num e noutro estabelecimento. Mas logo depois o estado reconhecia a insuficiencia de tal vencimento, e a carta de lei de 26 de junho de 1879 o elevava a 600$000 réis para os naturalistas adjuntos da Escóla politechnica. Por que razão ficaram excluidos da mesma melhoria os naturalistas adjuntos da Universidade? É para reparar semelhante injustiça que tenho a honra de submeter á vossa consideração o seguinte

PROJECTO DE LEI

Artigo 1.º O vencimento dos naturalistas adjuntos da Faculdade de filosofia da Universidade é fixado em 600$000 réis.

Art. 2.º Fica revogada a legislação em contrario.

Camara dos deputados, 1884.

Professores de desenho

Senhores!

Hoje um professor de desenho que, pelas suas habilitações e serviços, merecesse a promoção dos Liceus centraes para a Universidade, Escóla politechnica ou Academia politechnica, em vez de lucrar, perderia; sofreria um desconto anual de 100$000 réis.

De facto, o seu vencimento é, nos Liceus centraes, de 600$000 réis e, naquelles institutos superiores, de 500$000 réis.

E' certo que a proposição de reforma da instrução secundaria, sujeita ao exame da Camara dos dignos pares, reduz o vencimento dos professores de desenho nos Liceus centraes a 500$000 réis, mas ainda não estabelece de todo a hierarchia.

Para o fazer, tenho a honra de vos submeter o seguinte

PROJECTO DE LEI

Artigo 1.º O ordenado do professor de desenho na Universidade, Escóla politechnica e Academia politechnica é elevado a 600$000 réis.

Art. 2.º Fica revogada a legislação em contrario.

Camara dos deputados, 1884.

Guarda de fisica

SENHORES!

Renovo a iniciativa do projecto n.º 190 de 1882:

Artigo 1.º E' elevado a 300$000 réis o ordenado do guarda preparador do gabinete de fisica da Universidade de Coimbra.

Art. 2.º Fica revogada a legislação em contrario.

Camara dos deputados, 1884.

A disciplina academica *

Ex.mo prelado!
Meus senhores!

Por ocasião do centenario pombalino, eu disse que era mister que a Universidade tirasse as consequencias todas da sua grande reformação. E repito-o agora.

Um principio, sobretudo, dirigiu o autor e os colaboradores da moderna Universidade, e resume o espirito desta obra prodigiosa. Era o principio, ou, antes, a entranhavel convicção de que só o saber domina, de que só elle governa soberanamente o mundo.

E é a pura verdade, meus senhores. A sciencia vale tanto, que, ainda seculos

* Oração inaugural do anno lectivo de 1885-1886, recitada na sala dos actos grandes da Universidade de Coimbra no dia 16 de outubro de 1885.

depois, uma idéa que já se difundiu por toda a parte, quando já não é privilegio nem parece instrumento preponderante de ninguem, recobra ás vezes o impeto primitivo, e levanta do fundo da historia o povo que a concebera, para lhe pagar a sua vida, insuflando-a nelle.

Amar, portanto, a sciencia, venerando-a nos sabios e prezando-a nos estudiosos, adorando-a então nos seus martires; servi-la pelo estudo perseverante, obstinado, inelutavel, servi-la pela rigorosa aplicação dos seus ditames, quando mesmo se haja de fazer por ella sacrificios: eis, para quem sente na alma os estos da sua patria, o que deve constituir uma religião nacional.

E não só como cidadãos o saber nos engrandece. A descoberta que hoje comove uma nação, que a enriquece e nobilita, ha de amanhã tornar-se num serviço á humanidade; depois de ter associado intimamente nos gosos do mesmo trabalho os membros duma colectividade, vai de volta pelo globo levar a todo elle mais um vinculo de simpatia. Este é o incomparavel poder da sciencia. Só ella vinga realizar o supremo desideratum: melhorar o homem.

Amar, portanto, e servir a sciencia é amar e servir todas as virtudes; é mais até do que obrigação nacional, é obrigação humanitaria.

Mas, se a sciencia, meus senhores, é uma religião, são templos as escólas, e aos seus mestres e alunos, mais do que a ninguem, cabe velar cuidadosamente por ella; a todos, e muito principalmente aos que temos a honra de pertencer a um instituto d'alto ensino, porque nesta moderna religião, que é a propria religião do progresso, quem recebeu a sagrada missão de o dirigir e acelerar, fomos nós, digo-o com a dôr pungentissima da minha mediocridade.

Será missão excessiva para as forças da nossa instrução superior? Será. O saber não se improviza; para o alcançar faz-se necessario trabalhar arduamente, sofrer. Só os povos que á sua custa grangearam esse capital, parecem dignos, capazes de o multiplicar; e o nosso patrimonio de idéas tornou-se bem escasso...

É certo isso. A lei natural governa tambem a sociedade: a sociedade não dá saltos. Póde um acontecimento surprehender-nos, espantar com a sua enormidade, como se

de improviso nos assaltasse a catastrofe duma montanha, que sempre imaginaramos inabalavel... Ella caíu de subito, mas havia muito que a infiltração das aguas a estivera minando surdamente! Tambem na sociedade, senhores, só ha imprevidencias; revoluções, nenhuma. Nem 89, a maior de todas, o foi. Ficam-nos os olhos na grandeza de tal data, mas porque nos esquecemos de que antes della desfilaram por seculos as fôrças que haviam de emprehender essa tremenda campanha.

Nós recebemos, sim, quasi unicamente, uma herança de dissipações. Mas nem por isso abdiquemos de todo o prestimo. Não bastam esforços acumulados para o desempenho da nossa missão? Pois não percamos momento algum da vida para ao menos fazermos sementeira de quantas idéas encerra a civilização actual, e confiemos na fecundidade do torrão patrio. Tempo virá em que o nosso país volte a ter originalidade, e, com ella, a usufruir da força e prestigio antigo. Pudera! Outros inventaram a bussola e a polvora; mas fomos nós, as gentes desta peninsula, os que cortámos por esses mares fóra em demanda

de novas terras; fomos nós os que as conquistámos para a renascença da humanidade. Confiemos, pois, neste clima, neste sangue, no nosso genio nacional; e ávante! E, se em alguma parte, senhores, os corações devem palpitar com os auspicios de felicidade para a nossa cara patria, certamente que é aqui, a dentro da augusta cathedral do ensino português.

A Universidade tem que ir na vanguarda da legião que entre nós propugna pela causa do futuro; a ella compete dar o exemplo de todas as coragens e expôr-se a tudo, para que não resvale das mãos desta nação o estandarte em que se lê: pela verdade, pelo bello e pelo bem.

Mas, por isso que formamos uma milicia, lembremo-nos, meus senhores, de que victoria alguma é possivel sem disciplina, uma disciplina inquebrantavel; e seja o nosso brio unirmo-nos tão solidamente pela livre associação das nossas vontades, como se obedecessemos á lei militar.

Não! a sciencia não legisla só para os outros, tambem subméte a preceitos o proprio desenvolvimento. Todos os paises civilizados se honram de possuir um codigo

do ensino, de o respeitar e executar; nós temos cá tambem o nosso, e cumpre-nos egualmente guardá-lo e fazê-lo guardar escrupulosamente. E, quando digo nós, abranjo desde o prelado até os novatos. É necessario que cada um tome a consciencia das suas responsabilidades, e que, sem agressão reciproca, no mais afectuoso convivio, cooperemos com o mesmo generoso empenho para enraizar nos costumes academicos as prescrições salutares dos nossos estatutos. Na exacta observancia delles nos será dado aprender as mesmas regras do seu aperfeiçoamento. Desenganemo-nos, senhores, de que, no instante em que postergarmos os nossos deveres, estamos comprometendo os nossos direitos, e desenganemo-nos, especialmente nós, autoridades universitarias, nós, corpo docente, de que nos não achamos aqui apenas para administrar o ensino de cada programa, mas que temos ainda de exercer sôbre estes moços a tutela que o país, que os seus paes nos confiaram, tutela de amor, tutela verdadeiramente paternal, que é a unica eficaz para dirigir naturezas tenras ainda, mas sem dobrez, intemeratas, cheias

de ideaes. Um rapaz só excepcionalmente, num caso morbido, sai um depravado. Póde, isso sim, entusiasmar-se por um farrapo, como se segurasse nas suas mãos a propria bandeira da justiça; mas não a rasgasse ninguem primeiro! A justiça deslumbrará muita vez a gente nova, mas nunca deixa de brilhar para ella. É por isso que hoje deste logar me volto para os alunos da Universidade e lhes digo: aproximae-vos dos vossos mestres para bem os conhecerdes e julgardes, para os estimardes como elles vos merecem.

Aproximemo-nos todos uns dos outros, sem desconfiança, sem temor. Nem as intemperanças da mocidade devem assustar ou enfadar, nem tão pouco a prudencia, o comedimento dos annos, é para descoroçoar ou repelir. Temos disto uma prova esplendida, muito digna de ser memorada com prazer e elogio, na festa que no recente anno lectivo os estudantes de medicina celebraram em honra do lente e decano jubilado da sua Faculdade, o sr. Costa Simões. Foi ali, no laboratorio de histologia e fisiologia geral, trabalhando lado a lado, que elle teve tempo e ocasiões

para desentesoirar as riquezas do seu saber e da sua bondade, e que os seus discipulos o fôram cingindo cada dia mais estreitamente no entusiasmo dos seus afectos. Imitemos tão bello exemplo, senhores! Este uniforme que todos vestimos, não basta de per si só para fazer de nós uma corporação; para o sermos, temos de nos possuir do espirito de solidariedade, de camaradagem.

Ha quem diga que a convivencia expõe, vulgariza. Ninguem o creia! As relações entre homens dignos aproveitam-lhes sempre. O mestre tem sempre que aprender com o discipulo, quando não seja outro, o melhor conhecimento do ensino, e é nada menos que o conhecimento das suas funções pedagogicas; os discipulos, na intimidade dos seus mestres, habituam-se a serem sinceros — a não encobrirem a sua ignorancia —, a serem modestos — a não se iludirem e desvanecerem com o seu aproveitamento —, numa palavra, a procurarem incessantemente a verdade.

Nenhuma escóla se fecha entre as quatro paredes da aula. Escóla é sociedade, e estabelece-se não só dentro da aula, á dis-

tancia da bancada ou da pedra á cathedra, mas sempre que o professor se encontre com o discipulo, nos museus, gabinetes e laboratorios, examinando os mesmos objectos e experimentando á mesma mêsa, em excursões, em simples passeios, em qualquer conversa, no mesmo desejo de ver, em comunhão de impressões e de idéas, no mesmo enlevo, no mesmo alvoroço intelectual. Escóla é familia, e tem como ella as suas tradições, que aos antigos cumpre transmitir fielmente aos recemchegados, para que nunca se apague o culto dos antepassados e se não quebre a cadeia que deve ligar as nossas aspirações ás nossas glorias. Porque é que ha lições que só um pae sabe dar? é porque algumas só se podem dar e receber junto do coração.

Aqui em Coimbra, permitam-me a observação, vive-se muito á vista uns dos outros, mas não na intimidade. Vemo-nos o bastante para podermos, instintivamente, sem motivo, simpatizar ou antipatizar de parte a parte; pouquissimo para podermos apreciar-nos exactamente. E o resultado é ferirmo-nos com injustiças mutuas, involun-

tarias quasi sempre, mas que nem por isso deixam de repercutir-se e ir bradando contra nós por todo o país. O resultado é separarmo-nos uns dos outros e separarmos de nós o país.

Meus senhores, nada de agitações estereis! Substituamos a todas esta unica, a agitação das idéas. Onde a sciencia apaixona os animos, nem sobra tempo para agravos, menos para resentimentos e recriminações; reina inalteravel concordia.

Unamo-nos e trabalhemos! Só assim nos acreditaremos. E, se ha instituição que precise de autoridade, que não possa viver sem ella, é, sem duvida, uma Universidade, — para a conferir, para honrar os seus graus, para que os seus diplomas valham de facto, autenticamente, por documentos publicos de capacidade —. Acreditemo-nos! E que nunca jámais a nossa Universidade volte a ser condenada como inimiga da autoridade e perigosa para a ordem, ella, a quem principalmente cumpre sagrar toda autoridade que pretenda ser legitima, ella, donde deve sair a soberana força ordenadora da natureza e da sociedade, a força da razão, da consciencia humana.

Termino com este voto, meus senhores, a oração que é pena que não fôsse pronunciada por quem a tivesse feito digna do titulo * della, digna desta solenidade, e desta assembléa.

* Oração de sapiencia.

Fusão das Faculdades de matematica e de filosofia

MEUS SENHORES!

O digno delegado da Faculdade de filosofia da Universidade, seu respeitavel decano, o sr. dr. Antonio dos Santos Viegas, apresentou em conselho uma proposta para a reunião das duas Faculdades de matematica e de filosofia, especializando-se na Faculdade resultante, que poderia chamar-se de sciencias, grupos de cadeiras para o exercicio do magisterio. A comissão que incumbistes de a examinar, aprovou-a, e vem expor-vos as razões do seu voto.

Se a Universidade possuisse os estudos propriamente filosoficos, como já teve, possuisse a filologia, a historia, as sciencias

politicas todas, e tudo era necessario para corresponder ás exigencias do seu nome e á alta missão social que lhe cumpre desempenhar, e se se tratasse de conglobar estas disciplinas, mais a matematica, a fisica e chimica e a historia natural numa só Faculdade especulativa, ao modo da Allemanha na quasi totalidade dos seus centros universitarios, nós hesitariamos no nosso parecer, apesar da pratica daquelle país, modelo em organização do ensino, apesar do nosso respeito pelas sumidades docentes, os doutores Bois-Reymond e Hofmann, que ali ultimamente o tẽem propugnado. Mas a proposta que temos a honra d'apreciar, não visa senão os estudos puros divididos pelas duas Faculdades de matematica e filosofia; e, nestes limites, afigura-se-nos d'incontestavel vantagem.

Esta mesma idéa já fôra em tempo sugerida por um illustre homem d'estado, o conselheiro Martens Ferrão, fôra sustentada na Universidade e apresentada no Parlamento pelo distinto professor e membro desta assembléa, o dr. Antonio José Teixeira, e fôra adoptada pela Comissão d'instrução da camara dos senhores depu-

tados, composta d'homens conspicuos, que escolheram para a relatar o talentoso escritor e parlamentar, hoje ministro, o sr. Pinheiro Chagas.

Todos sabem os laços que prendem as duas Faculdades de matematica e de filosofia. Posto que em cada uma se distingam caracteres proprios e se possa dizer que a de matematica vai até onde hoje a matematica vai, isto é, até á fisica matematica, e que a de filosofia parte da fisica experimental e chega até onde ella chega, isto é, até á anthropologia; esses laços proveem de que ellas não se seguem uma á outra, mas irradiam ao mesmo tempo do liceu e encontram-se em muitos passos do seu desenvolvimento.

A necessidade, pois, quando se discuta algum interesse vital de qualquer das Faculdades, do acôrdo mutuo dos seus professores, a autoridade que esse acôrdo dará ás decisões do Conselho escolar, a influencia que da troca de vistas entre uns e outros professores deve advir em beneficio comum, e por conseguinte da sciencia e do ensino, a mais intima associação dos alunos entre si e com estudos que, por

estarem hoje separados noutra Faculdade, elles tendem a considerar alheios á sua educação, a melhor educação por tanto, — e não esqueçamos que, se o ensino superior é especial, convém não amputar o espirito dos que o cultivam, reduzindo-os a não serem nada fóra da sua especialidade, — o efeito disto ainda, que será a maior independencia intelectual dos alunos e com ella o seu ardor no trabalho, são razões suficientes para nos inclinarmos em prol da reunião das duas Faculdades.

Somos tambem pela concentração do magisterio das duas Faculdades em grupos de cadeiras.

Não queremos a especialização precoce dos estudantes, que lhes atrofiaria muitas das suas faculdades nativas, não admitimos o excesso de especialização nos professores, que os isolaria dos seus collegas e dos recursos que as outras sciencias lhes proporcionariam, recursos tão importantes, que, sem elles, os especialistas veem finalmente a achar-se desapercebidos e impotentes; mas aceitamos a lei da divisão do trabalho, em tudo, e por isso tanbem no ensino, e, desde que o homem esteja no uso de toda

a sua energia, entendemos de necessidade e vantagem que se dedique principalmente a um certo destino.

Só a repetição dos mesmos actos dá a segurança e a afoiteza indispensaveis para progredir. Quem fez, como estudante, a sua instrução geral e tenha que manter sempre vivas as curiosidades do seu espirito, pode e deve especializar-se para ser professor. A reunião das duas Faculdades satisfaz ás duas primeiras condições; a distribuição das suas cadeiras atenderá á ultima.

Assim somos de parecer que aproveis a seguinte proposta.

1.º — As duas Faculdades de matematica e de filosofia serão reunidas numa unica Faculdade, que se chamará Faculdade de sciencias;

2.º — Os concursos para o magisterio na Faculdade de sciencias far-se-hão por grupos de cadeiras, cada um dos quaes será servido por tantos professores cathedraticos quantas as cadeiras e por dois professores substitutos.

Adriano Machado, presidente — *Antonio dos Santos Viegas* — *Luis da Costa e Almeida*,

com declaração — *Antonio José Teixeira* — *Augusto José da Cunha* — *Bernardino Machado,* relator.

Conselho superior d'instrução publica, 1885.

Extensão universitaria *

MEUS SENHORES!

Apesar de todos os portentosos progressos que tem feito, a pedagogia moderna está ainda muito longe de satisfazer cabalmente ao seu fim.

Só a escóla primaria se intitula popular, e a verdade é que nem ella. Nem no seu grau elementar, o ensino deixou de todo de se vedar a quantos labutam desde a infancia por um ganha-pão; e, por mais generosamente que a sociedade acuda aos seus pobres, essa assistencia educativa só, na primeira quadra da vida, nunca pode ser bastante. Por isso, a par com as subvenções

* Discurso pronunciado na noite de 1 de fevereiro de 1897, na abertura da sessão inaugural dos cursos para operarios, creados pelo Instituto de Coimbra.

para a educação dos menores, por toda a parte se vão multiplicando os cursos de adultos. A Inglaterra é talvez o mais admiravel exemplo desta dedicação social. Ha hoje ali palacios para a cultura do proletariado; e as Universidades inglêsas difundem pelos bairros e regiões industriaes do país não só missões docentes temporarias, mas até mesmo colonias de professores, que vão estanciar demoradamente entre o povo trabalhador. Taes expedientes, comtudo, posto que mereçam todos os louvores, não passam de meros paliativos, que mal encobrem o vicio profundo da actual organização pedagogica: a incompatibilidade entre o trabalho e a instrução.

O Instituto de Coimbra, que já pelo seu boletim mensal descerrava o saber dos seus socios ao largo publico, julgou-se tambem na obrigação de abrir aulas para a classe operaria desta cidade, oferecendo-lhe, com ellas, a sua casa e a sua convivencia; e a direcção a que presido, tanta importancia liga ao novo serviço projectado, que o inaugura com esta sessão solene, em que, a seu pedido, o digno lente da Faculdade de medicina, o dr. Adriano Xavier Lopes

Vieira, que é um dos nossos mais insignes naturalistas, fará o elogio do trabalho em nome da higiene.

Cabe-me todavia proclamar deste logar que o trabalho, além de principio higienico, é principalmente uma lei moral, e que nada peor do que o divorcio em que anda com elle a instrução. Reparem-se, quanto possivel, nos adultos os estragos causados pelo abandono espiritual dos adolescentes; mas faça-se, antes de mais nada, por evitar que semelhantes danos se produzam. E esta não é senão uma face da questão. Tão necessario se torna ministrar a instrução a todos, ainda aos mais indigentes, como não afastar ninguem do trabalho, nem os mais ricos.

E' absolutamente indispensavel que a creança, bem sorteada, que póde estudar, não estude só para si, e desde a sua entrada na escóla aprenda a ser prestavel á familia e á sociedade. Não brada aos ceus, que, precisamente quanto mais mimoso da fortuna alguem nasce, tanto mais o ensino o dispense do cumprimento dos seus deveres? Hoje em dia o rapazito que passa deante de nós com o cantaro á cabeça para ajudar á sustentação

da sua pobre mãe e dos seus irmãos mais pequenos, não nos comove só pelo esforço fisico que faz em tão tenra edade, mas sobretudo pela grandeza do seu esforço moral; e, em rigor, não ha filho de rico, por mais laureado nas aulas, que se lhe compare. Só pela prestação dos seus serviços o homem se forma, e adquire a têmpera, a coragem da paciencia e do sacrificio, sem a qual nem mesmo a si proprio logrará desenvolver-se em qualquer profissão. Fala-se tanto, e ainda bem! de ensino pratico; mas não esqueça que a primeira pratica é a da virtude, e que um oficio é tão imprescindivel á moral como a experiencia á fisica!

Alhear durante annos consecutivos a gente moça da santa lide dos seus parentes e concidadãos, não lhe entregando sequer em casa os cuidados mais vulgares, porque até para esses se contractam serviçaes, constrangê-la assim sistematicamente á inutilidade, outra coisa não é que votá-la a uma vida egoista, de orgulho e de parasitismo. Dahi vem, não hesito em afirmá-lo, o desamor com que desgraçadamente a nossa nação está sendo tratada pelas classes dirigentes.

Assim como a lei tenta defender da doença e da ignorancia o filho do proletario, assim deveria tambem proteger a creança abastada contra a atrofia moral!

Não me limito a formular o problema, aventarei tambem a sua solução.

E' que a ninguem seja licito seguir um curso de instrução secundaria, sem que esteja ao mesmo tempo fazendo o seu tirocinio oficinal, nem se permita o acesso a uma Faculdade ou escóla superior a quem não seja ainda mestre em alguma profissão; e, reciprocamente, que a todo aprendiz que se prepara para operario, se franqueie, juntamente com as escólas primarias profissionaes, o ensino médio geral, como a todo operario que se prepara para mestre, se abram, com os institutos profissionaes médios, as últimas portas dos liceus, de tal modo que, depois de haver passado de operario a mestre, o mesmo individuo vingue ainda, pelos mais altos estudos da sua especialidade, habilitar-se a assumir um dos primeiros cargos sociaes. Numa palavra, que todos os soldados possam aspirar ao generalato, e não haja oficial superior que não tenha passado pelas fileiras!

Sem esta revolução hierarchica, nunca o ensino será democratico, nem moral. Acrescento: nem será verdadeiramente eficaz. Toda a instrução que não convirja para um serviço ou não parta delle, é vã. Na selva escura das disciplinas escolares o espirito do educando extravia-se e perde-se. São tudo abstracções, que elle ignora donde veem, e ao que veem; é tudo para elle, emfim, uma especie de jogo de azar mental. Nada o firma na vida! Ás sciencias, artes e industrias que aprende, falta o amoravel vinculo, que lhas deveria atar ao coração. Estuda-se entre nós, como se para nós não houvesse uma patria, como se cada objecto do nosso estudo não fôsse um elemento integrante dessa patria; quando nada da nossa terra nos devia ser indiferente, quando nem uma pedra della é uma pedra qualquer, mas tem um cunho nacional, local, familiar, é a pedra domestica do nosso lar, é a pedra do baptistério, do moinho e da fonte da nossa povoação natal, e é a pedra lascada que recorda as nossas origens, ou a pedra dos monumentos, emblema da nossa gloria, que celebra os feitos dos nossos antepassados. Cada objecto tem

uma historia, que o educando precisa de conhecer e de amar; uma historia e um destino.

Será impossivel ir [arrancar assim a instrução aos flancos palpitantes da patria? nacionalizar, localizar, familiarizar o ensino? Não! O saber é imenso como o universo que pretende abarcar, e, como elle, tem o seu centro em toda a parte. A verdade irrompe por todos os dominios da actividade humana. Não ha nenhum, donde se não tire uma geometria, uma mecanica..., em suma, a sciencia, a arte e a industria; nenhum, onde a alma com todas as suas faculdades se não repercuta.

Que é, pois, o que falta para que a reforma que preconizo, e a que chamarei a socialização do ensino, se torne viavel? Uma só coisa: reduzir o tempo lectivo, deixar a creança viver. E fiquem certos de que até a escóla, que, apesar do tempo que hoje absorve, é uma especie de tonel das Danaides, e mal desempenha a sua missão, virá a ganhar, prosperará, porque correrão para ella, a fecundar as suas lições, as proprias fontes da vida!

Abolição do juramento *

SENHORES!

Invocando a liberdade de pensamento, a que todos, e principalmente uma Universidade, devem culto, proponho que, sem prejuizo de solenidade da abertura das aulas, se substitua a actual formula de juramento, que nessa occasião é costume prestar, por uma afirmação dos deveres educativos e moraes que incumbem a cada um dos membros do nosso corpo docente.

* Conselho da Faculdade de Filosofia, 21 de novembro de 1898.

A Universidade e a Nação *

Ex.mo prelado!

Minhas senhoras e meus senhores!

A tristeza que sinto, quando penso no nosso ensino! Professor, ambicionei consagrar-me sobretudo á causa da educação nacional. E foi, cheio de esperanças, que fiz por ella as minhas primeiras armas, crendo assegurados os seus triunfos pelo ardor com que os mais estrenuos caudilhos de todos os partidos acudiam, á porfia, a sustentá-la nos seus escudos. Lutava-se então, mas de esforços para bem a servir. Dentro em pouco, porém, o scenario da nossa vida publica mudou. A governos li-

* Oração inaugural do anno lectivo de 1904-1905, recitada na sala dos actos grandes da Universidade de Coimbra no dia 16 de outubro de 1904.

beraes, amantes da instrução, seguiram-se, quasi sem interrução, governos reaccionarios, apostados a exterminá-la. Com a abolição do pariato electivo desaparecia a representação parlamentar dos estabelecimentos de ensino. Extinguiu-se o ministerio da instrução publica. O corpo docente deixou de ter um conselho de sua eleição junto ao ministro. Centralizou-se o ensino primario, monopolizou-se o ensino secundario, e até as regalias do ensino superior se foram cerceando, ao ponto de se reformar ditatorialmente a nossa Universidade, sem consulta sequer do seu magisterio. Não se atacavam só as franquias do ensino, feria-se rudemente a sua existencia: fecharam-se escólas primarias, tanto de instrução geral como de instrução profissional, acabou-se com os museus agricola, industriaes e comerciaes, suprimiram-se, quasi por toda a parte, as aulas de instrução complementar, inicio da educação geral da classe media, não se abriram os liceus femininos, mal sorteados logo ao nascer, e regatearam-se aos institutos de instrução, de todos os graus, os mais indispensaveis meios de acção. E todos

estes agravos á causa do ensino foram feitos por diplomados das nossas principaes escólas, e todos se fizeram, não só sem que dellas se levantasse o minimo protesto colectivo, mas até mesmo, por vezes, com a sua expressa adesão. Eis porque a nação, apartando-se dos poderes publicos que a oprimiam, se foi apartando tambem de nós, tornando-nos grandemente responsaveis por essa opressão.

E com razão. A reacção não provém só da fórma de governo, mas tambem da fórma de ensino.

Ai! eu sei dolorosamente, por crua experiencia, o pernicioso influxo que o mau governo tem no ensino, e como é dificil e arido proclamar principios na aula, quando, fóra della, reina o arbitrio. Num país onde a selecção se não opera pelo saber e pelo merito, como se ha de amar e desenvolver a instrução? A propria corrução governativa instila-se pela aula, e vai-a dissolvendo. Mas a reciproca não é, comtudo, menos verdadeira: o ensino exerce incontestavel influencia no governo. Ensinar é governar. Pelas idéas se afeiçoam costumes e instituições. Por isso, quando um

povo quer cimentar a integridade da patria, faz o que nós fizemos, implanta nella uma Universidade; e, se intenta firmar sobre outro o seu predominio, procura apoderar-se da sua educação, é como sempre se tem feito. Assim o comprehendem com plena lucidez a Allemanha, enviando professores a toda a parte do estrangeiro onde conte uma colonia, e a Suissa, que até para os filhos de estranjeiros domiciliados no seu territorio cria, a expensas suas, escólas. Quanto o ensino decide do governo e do destino das nações, diga-o agora mesmo o tremendo duello travado entre duas dellas, que personificam relevantemente nos ultimos tempos o carinho e o descaroamento educativo, entre a Russia, que excomunga o pensamento em Tolstoï e açoita e deporta os alunos das suas Universidades, e o Japão, que espalha e subsidia a sua juventude estudiosa pelas primeiras Universidades do mundo para que de lá tragam para o torrão natal as sementes civilizadoras de maior preço.

O que é necessario, é um bom ensino. Desde a escóla se fazem monarchias ou republicas, erguem-se ou aluem-se imperios.

Ensino despotico: governo despotico; e o despotismo, ainda que seja o despotismo maternal do amor, produz fatalmente o enfraquecimento e a ruina das familias e dos estados. Só ha uma educação salvadora, e para a qual nos cumpre urgentemente apelar, para transformarmos este apoucado Portugal d'hoje no grande Portugal d'amanhã, digno herdeiro e continuador do heroico Portugal doutr'ora, honra e gloria da humanidade: é a educação liberal. Uma Universidade deve ser escóla de tudo, mas sobretudo de liberdade.

Nem o professor é um pontifice, nem o discipulo um catechumeno. Quem, como estudante, andou sempre de rastos, curvando a cada momento a inteligencia, a copiar, a decorar e a repetir as idéas e até as palavras do mestre, para acarear as suas boas graças no precario exame final, que admira que, concluido o seu curso de servidão, com um falso diploma que o não habilita para emprehender nada por si, vá engrossar a miseravel turba de pedintes que estendem humildemente a mão a todos os potentados do dia, por mais ignobeis que elles sejam? Na obediencia passiva

ninguem se prepara para as varonis resoluções da vida. Por mais maravilhosa que seja uma machina pensante, não passa duma machina: ella precisará sempre dum condutor que a ponha em movimento. Nós temos de aprender as leis do universo, não automaticamente, para executarmos espectaculosos prodigios de acrobatismo mental, ao mando de ninguem, mas, como homens e não como manequins, para briosamente nos dirigirmos por nós mesmos, pela força viva que tambem somos, pela nossa vontade. Ser instruido é ser livre. Uma nação sem originalidade, que nada cria, inventa e descobre, e apenas vive de emprestimos materiaes ou espirituaes, se, pelo prestigio do nome herdado, ainda conserva a sua autonomia, não está longe de perdê-la. O que enaltece os individuos como as nações, é a grandeza de caracter, é o vigor e o rasgo da sua iniciativa, a sua perseverança inquebrantavel, o seu desassombro, a sua hombridade. Taes são as molas profundas que é mister, vigilantemente e discretamente, não deixar amortecer nunca nas gerações novas. Como todo bom governante, o bom professor dis-

cipliña, mas não paralysa as vontades, não escraviza, emancipa.

O liberalismo da escóla cristaliza no discipulo. Assim como ella não deve formar servos, tão pouco deve formar despotas. A instrução não representa um meio novo de aristocratização. A verdade é acessivel a todos. Ninguem, ainda os mais incultos, o povo, as multidões, deixa de possuir uma parcella de saber, quando não são mesmo quasi só esses que o possuem, como sucede hoje entre nós, que de raros espiritos cultos contemporaneos podemos timbrar, e a cada passo ahi topamos com documentos que autenticamente atestam a valia da arte, da industria, e até da sciencia popular. Quem mais sabe em Portugal, não são os seus dirigentes, ociosos e egoistas, é o seu bom povo trabalhador, são os analphabetos. O despotismo aniquila o proprio despota. Por isso nos cumpre proclamar bem alto aos nossos estudantes que elles não frequentam as aulas para, fidalgos já pelos dons da natureza e da fortuna, que vão dissipando senhorialmente, se investirem dentro dellas, sem ser mesmo em premio da sua proficiencia, nas prosapias da fidal-

guia do talento, não menos vã e ruinosa. Nada de super-homens, que ás antigas tiranias clericaes e plutocratas venham acrescentar outra, egualmente revoltante, a dos intelectuaes, que tudo se julgam permitido, a titulo da sua supremacia doutoral, até o mais escarnento desdem pelos ignorantes, e todos os preitos de vassalagem exigem, sem que jámais prestem a alguem o minimo auxilio por que se não paguem logo leoninamente. Com taes oligarchas, a sociedade não dispende só uma, mas muitas listas civis. Eduquemos cidadãos, não principes. Busque-se a verdade, não para a fechar e deter como um misterio, um monopolio, um privilegio, para a converter, em summa, numa autocracia, mas para enriquecer com ella o patrimonio comum, derramando-a a flux por todos os espiritos. Lastimosa pedagogica a que, para encurtar os caminhos do saber, alonga os da virtude. Nós não estudamos a fisica, a chimica, a biologia, as sciencias da materia e as sciencias do espirito, senão para, atravez das suas leis, como atravez de lentes cada dia mais poderosas, irmos concentrando em nossa

alma o calor e a luz da lei moral. Esta é que é o fecho, o coroamento de todas as outras. Quem a ignora, por mais que presuma saber, fica na peor de todas as ignorancias, na no dever, e, infringindo-o, perde a liberdade a que o homem mais aspira, a de fazer o bem e por elle sobreviver perduravelmente na sua obra, porque o laço que nos une aos nossos contemporaneos, é o mesmo que nós ha de ligar á posteridade. Na inacção moral, todas as faculdades se estiolam e atrofiam: a imbecilidade é sobretudo do caracter. E, na aberração ou na alienação do dever, que é para o mundo moral o mesmo que a gravitação para o mundo fisico, ninguem edifica nada para a eternidade, nada duradoiro. A grande revolução a fazer no ensino, em toda a parte, mas muito especialmente no nosso país, é identificar o estudo com o trabalho, de tal modo que a sociedade se não divida em duas castas, uma que só estuda e quasi nada produz, outra que só trabalha e quasi nada consome. Como é que aquelle que passou anos e anos nas escólas, parasitariamente, — todos a amarem-no e elle a ninguem, todos a servirem-

no e elle a ninguem, todos a pensarem nelle e elle em ninguem —, como é que ha de, ao sair dellas para a sua profissão, transfigurar-se de subito num cidadão exemplar? Que preparatorio! Dificilmente o virá a ser nunca.

Uma Universidade é um laboratorio, uma oficina modelo, onde professores e discipulos, como verdadeiros operarios e aprendizes, não têem por occupação consumir idéas, mas produzi-las. E uns e outros não se pertencem só mutuamente a si mesmos, não labutam exclusivamente pelo seu bem-estar e progresso, não produzem apenas para o seu proprio consumo; devem-se a todos, e, mais que a ninguem, aos mais entrevecidos na ignorancia e na superstição. Como o proprietario soberbo e avaro, que prefere que lhe caiam no chão e apodreçam os frutos que lhe sobram, a colhê-los e a reparti-los com quantos careçam delles, não deixemos corromper-se em nós o nosso saber. Que cada conhecimento nosso seja um serviço publico, franco, desinteressado. Nenhuma sciencia cerra magicamente os seus cultores num palacio encantado, acima de toda a realidade, em

tamanha abstracção, que elles vivam na terra como viveriam na lua, em Portugal como na China. Pelo contrario, nem uma unica que se não haja de aprender concretamente, chãmente, no convivio e na intimidade dos seres familiares, que não precise dum berço e duma patria, até para poder crescer e alar-se a todo o mundo. E quanto nos falta o conhecimento do que é nosso, desde o sólo até ás almas! Quem sabe como vive entre nós o cavador, o mineiro, o proletario, como vivem os nossos doentes, e, de todos os mais desventurados, os nossos criminosos, como vivem ou antes como vão morrendo de corpo e de espirito? Estude-se a matematica, fazendo estatistica de tudo, calculando todos os tesoiros que se encerram sob este ceu, nesta nossa terra, na nossa raça, e no nosso genio nacional, avaliando bem todas as nossas forças e todos os nossos recursos e proporcionando-lhes exactamente os nossos cometimentos e aspirações, quando não medindo mesmo os sacrificios que nos sejam necessarios, e são-nos tantos! Estudem-se todas as sciencias e todos os seus capitulos, como, registrando o barometro dos nossos observatorios me-

teorologicos, lançamos um aviso que, bem aproveitado, poderá acudir ás populações ribeirinhas dos nossos rios e do nosso mar, a revêzes injuriadas e dizimadas pelos assaltos de improviso das cheias e tempestades. Que todas as Faculdades da nossa Universidade comunguem sagradamente com a nação, como ainda este anno a de medicina, celebrando aqui mesmo neste historico solar, pela iniciativa de alguns dos seus preclaros membros, e, salientemente, sem desluzimento para ninguem, do grande clinico e grande filantropo, dr. Daniel de Mattos, o 3.º Congresso da benemerita Liga nacional contra a tuberculose; e, como ella tambem, que dispensa a toda a hora socorros no seu banco do hospital, ponha cada uma das outras Faculdades, ao lado das suas aulas, uma banca permanente de consultas, principalmente para os pobres. Mais! Nenhuma se quede no seu recinto academico, mas vão, umas e outras, em fervorosa emulação, por toda a parte, ás cidades e aos campos, á fabrica e á mina, onde estejam as nossas creanças, as nossas mulheres e o nosso povo, instruindo, missionando, apostolando a verdade, a liberdade.

Numa palavra, socialize-se a escóla, e que de dentro della irradie por sobre todo o país um direito novo, fulgente e audaz, o direito dos humildes e dos fracos.

Não é facil a campanha, oh não! A verdade não encontra adeante de si sómente o erro, que baste denunciar-se para logo se rebater em placidas discussões, encontra tambem interesses, muitos delles ponderosos, encontra tambem paixões, umas mentidas e hipocritas, sinceras outras, que reagem; e em todos os campos tem de lutar. E que não precisa para vencer, para se elevar da simples verdade scientifica a toda a alteza da verdade moral, da justiça, supremo ideal, onde ella então, no auge do seu poderio, inquebrantavel e pura como o diamante, domina todas as paixões e interesses, porque funde harmonicamente em si todo o amor e todo o bem! Cavalleiros da verdade, até para a servirmos, temos de o ser tambem da justiça. Não só aos que d'entre nós professam o direito, incumbe defendê-lo, mas a todos nós. Todos somos mais do que homens de sciencia, somos cidadãos, membros desta triplice cidade, religiosa, eco-

nomica, politica, que começou na familia, constitue já a nação e cada dia mais vai vingando abranger a humanidade inteira. Professores e alunos, declaremo-lo primeiro de tudo, nós temos uma religião. A inteligencia não desabrocha á custa do coração, empedernindo-o. Repercutam simpaticamente na nossa alma todos os soluços, todos os gritos de dôr. Levemos com a nossa palavra a todos que soffrem, o conforto, a esperança. Que não haja entre nós grosseiros, devassos, mas demos sempre o exemplo, a lição, da cortezia, da delicadeza de sentimentos, da bondade. Amemos ternamente os pequenos, os necessitados. Quanto mais rotos e sujos os virmos, mais nos aproximemos delles, não sentindo senão só uma repugnancia, pelo mal. E ainda, atacando de rijo o mal, demonstremos o nosso humanismo até na nossa piedade pelos maus. Tome egualmente cada um de nós o seu posto em meio das contenções economicas da sociedade. O saber não confere direito a ser perdulario, nem venal. Trabalhadores, esforcemo-nos tenazmente, com o mais fiel cooperativismo, por melhorar a sorte dos

que trabalham, por aliviar-lhes as canceiras e as miserias, tamanhas ainda em nosso tempo. Finalmente, que cada escóla pulse da mais intensa laboração politica. O progresso vai-se tornando irresistivelmente uma conquista, um dom, deste supremo poder social, o poder civil, de seculo a seculo, mais livre, maior e melhor, que, se tantas vezes tem sido destruidor, em lances mesmo tragicos, bem merece todavia a nossa dedicação e os nossos sacrificios, porque ampara e guarnece, penosamente mas indefessamente, como nenhum outro, a nossa fragilidade individual. A indiferença por elle não significa um requinte de intelectualismo, mas uma cumplicidade, tanto mais culposa, quanto mais alto colocado, em logar mais proeminente para a acção e defesa social, está quem se lhe entrega negligentemente. Uma Universidade póde lá deixar de ser politica! Não é dentro della que se ministra o mais alto ensino de direito publico? Se os pensadores não governarem, governam os interesses e as paixões, sem o freio da razão. Infelizmente, quantos dos nossos homens de sciencia, para se esquivarem aos des-

comodos a contrariedades, aos riscos, da vida publica, que é e tem de ser sempre afinal uma luta acesa, se não dedignam de acorrentar-se á sorte dos aventureiros politicos de peor fama, á espera de que tudo lhes chegue sem custo um dia com a victoria cortezã dos magnates que os capitaneiam!

Desempenhemo-nos de todos os nossos deveres civicos, com energia, com coragem, com denodo, militantemente, sem que nada jámais nos quebre ou entorpeça sequer o animo, nem o asco que nos causem os vicios cinicos de tantos dos nossos homens publicos. E, fazendo-o, não receemos aquecer demais a mocidade escolar, já de si tão ardente, convertendo as escólas em fócos perigosos de revolução. Não! Um discipulo é naturalmente um correligionario; no professor está aconselhá-lo com perfeito tacto, dirigi-lo para bem. Hoje o ensino, cheio de desconfiança por elle, como se elle encerrasse em si os subversivos germens do pecado original, enclausura-o, sequestra-o á sociedade, e portanto á disciplina que só no lume vivo da sociedade lhe póde ser incutida, até para que

UNIVERSIDADE LIVRARIA DA

elle desinteressadamente, altruistamente, se vote com séria aplicação ao estudo. Toda a vida de libertinagem lhe é dado levar: estragar a saude, contraír dividas, requestar empenhos e favores, seduzir. Iniciar a vida livre e nobre de cidadão, isso é que não. Se tal ousa, descarregam-se sobre a sua cabeça criminosa os mais severos golpes. Perdão! um direito lhe permitem exercer, o de petição: póde pedir os feriados que quizer... Porque? Porque é ainda um menor, porque os rapazes ainda estão verdes para os graves encargos e cuidados da vida publica? Pois por isso mesmo é preciso que a façam, para amadurecerem. Não pretendemos confiar ás suas mãos inexperientes o leme da governança; mas não faltam serviços de guarnição em que á sua tenra edade seja dado intervir, e em que elles vão desde logo destramente preparando o seu noviciado civico. Vejam a Inglaterra e os Estados Unidos, o desvélo com que os seus professores assistem e presidem ás *debating societies,* torneios oratorios, que são verdadeiros comicios dos seus alunos, onde se têem estreado notavelmente muitos

dos seus principaes estadistas. Emquanto, entre nós, se demoliu, para não mais se reconstruir, o Teatro Academico de Coimbra *, — de sobre cujo tablado, a capa galhardamente traçada, como uma toga pretexta, foram avultando para a tribuna nacional contemporanea quasi todas as suas primaciaes figuras —, lá são as proprias Universidades que protectoramente oferecem os seus mais vastos salões para liça de tão auspiciosos certamens. Assim, e só assim, nestas intimas requestas, é que, contrapondo-se idéas, combatendo-as e defendendo-as rijamente, com a vivacidade e a flama dos seus annos, mas sem exaltação que não seja ainda generosa, discutindo tudo, mas amando-se sempre, perdendo o cego fanatismo da propria opinião, e, com elle, a superstição, entre nós tão arreigada que diriamos quasi atavica, de que todo adversário é um hereje, um energumeno, que merece, com a excomunhão, os maiores doestos, as maiores torturas e todas as penas perpetuas e eter-

* Inaugurado pela mocidade liberal de 1834 com a representação do *Catão*, de Garrett.

nas, a mocidade escolar aprenderá a coordenar-se, a moderar-se, a ser justa para com todos, a praticar a tolerancia, que é a virtude social por excelencia, e é e deve ser a grande virtude universitaria. Numa Universidade até os proprios que professam da cathedra os dogmas do passado, procuram argumentos para os sustentar. E, por isso, ainda os mais conservadores dos membros do seu corpo docente, por mais provas a que se submetam de ortodoxia, são sempre suspeitos de sacrilegio aos olhos torvos da reacção, das oligarchias absolutistas. Assim, e só assim, neste tirocinio fraternal, é que na alma das novas gerações se irá tecendo, atravez de todas as divergencias e contrastes individuaes, o liame indissoluvel da unidade da patria. E como é mesmo exequivel isolar socialmente a escóla? Onde a muralha estanque que não deixe lá penetrar as correntes da historia, os rumores da rua, as noticias dos desastres nacionaes, o brado angustioso dos vexames e das indignações populares? Só ha um meio de romper essa estreita solidariedade, é fechar a escóla. A elle efectivamente tem recorrido a cada passo a tirania.

Levantemos a voz perante o país e os poderes constituidos, exerçamos, juntos, a nossa soberania de cidadãos e eleitores, até para revindicarmos os direitos augustos do ensino, intervindo sem subserviencia e desaire no seu governo. As mesmas questões agitam a sociedade e a escóla, e reverberam duma á outra. Ambas têem uma questão religiosa, uma questão economica e uma questão politica, e, no fundo, uma questão de trabalho, que é identica para ambas.

A teocracia alça lá fóra o seu pendão, tentando imperar, mesmo contra a legislação estatuida? Tambem aqui dentro da nossa Universidade tenta ainda impôr, contra a civilização, rezas e juramento religioso, velha liturgia já abolida por toda a parte, até na vizinha Espanha, a que a nossa inercia comodista e transigente não liga importancia, mas que importa na realidade uma afronta flagrante á liberdade de consciencia e o perjurio e a exautoração aviltante de todos os que têem por oficio precisamente opôr ás abusões, aos preconceitos, ao erro, a verdade, á fé no milagre a fé na lei. Secularizar a sociedade e

secularizar a escóla é tudo um e o mesmo problema, que ha que resolver egualmente, isto é, com a mesma equanimidade, com o mais largo respeito por todas as crenças, e respeito filial por aquella que tão intimamente se entrelaça aos epicos feitos da nossa linhagem, e que, na pureza da sua doutrina, tanto tem contribuido para o saneamento moral da humanidade. Lá fóra vai a derrocada financeira? dissipam-se improdutivamente os impostos, acumulam-se só deficits sobre deficits no tesoiro, e o dinheiro não chega para o mais pequeno melhoramento, para acudir ás necessidades publicas mais instantes, nem sequer á indigencia, á orfandade, como o deve fazer toda a nação, em massa, e como o exigem os sentimentos compassivos do coração português, que, por mais paciente que seja, não póde ver desperdiçados os nossos bens e em perigo a saude e o futuro dos nossos filhos sem que o atravessem irreprimivelmente os rebates da revolta e da raiva? Pois tão pouco ha cá dentro dinheiro bastante para nada, e bibliotheca, gabinetes e museus, laboratorios, observatorios, jardim botanico, hospital da nossa Universidade

debatem-se, quando mesmo não agonizam, na mais tormentosa penuria. E, assim como nada acorda a nossa classe dirigente para o governo economico na nação, e nem pontualmente o parlamento se reune para discutir e votar o orçamento geral do estado, assim tambem, nós, professores, descuidosamente, nos não reunimos anno por anno em congregação e em claustro pleno para elaborarmos e propormos o nosso orçamento universitario. As dotações, dita-as a secretaría do reino, e nós contentamo-nos de as repartir em cada Faculdade, solicitando timidamente. d'onde a onde, o seu aumento. A centralização financeira campeia cá dentro como lá fóra. Na esfera politica, egual paralelismo: a ditadura vem da sociedade até á escóla. A nação não elege os seus governantes? Tambem nós não elegemos o nosso reitor, nem os nossos funcionarios administrativos, que, aliás, até ao menor, deviam ser sempre recrutados por nós ou pelo reitor nosso eleito, e, de preferencia, entre os antigos servidores do ensino, desde os mais modestos. Tudo, de nomeação regia. No governo propriamente

docente, a Universidade tem, sim, direito de eleger os seus professores; nem desse porém usa com toda a liberdade, e, acrescentarei, com toda a justiça e proveito, escolhendo-os entre as mais provadas competencias do país, sem privilegio algum para os seus filhos, ou para os filhos das outras escólas superiores, onde quer que essas competencias se encontrem, que não póde ser, senão excepcionalmente, no esperançoso moço imberbe que, ainda na vespera, frequentava as aulas como discipulo, que ainda não fez obra sua, pessoal, de sciencia, nem tempo teve de provar a sua têmpera de cidadão, que mal poderá ser de pronto governante, porque apenas agora começa a governar-se de per si só. Mas é a mesma vertigem de ascensão que eleva de repente os felizes em Portugal aos logares mais culminantes da nação, perturbando-os capitosamente tanta vez. E, se elegemos os nossos professores, já não temos o direito de constituir livremente o nosso governo interior, elegendo d'entre elles os nossos decanos; ainda acatamos na familia universitaria a prerogativa morganatica, o vinculo de primogenitura, como

se mantem lá fóra para a familia real. E o mesmo poder que lá é discrecionario, edita penalidades contra a liberdade de exame e de discussão, declarando-a um delito e ilegaes os partidos que a revindiquem, conta para a ordem social sómente com o terror dos castigos, suprime as garantias do processo judicial, e persegue, ás pranchadas, os manifestantes pacificos, cá dentro brande sobre a Universidade a ferula do fôro academico, ameaça com a expulsão e perda d'anno os seus alunos, acutila-os, e já se atreveu a demitir o seu secretario e a ratardar a devida promoção dum dos seus lentes para os punir das opinões democraticas honradamente expendidas por um e outro. E fê-lo exactamente, quando o empolgavam na sua mão os mesmos autores da lei de 13 de fevereiro de 1896.

A falta de espirito publico é tamanha nos nossos dirigentes, que nem dentro de cada classe se encontra. E assim estão tambem, em grande numero, dissociados, sem calor e sem incentivo mutuo, os nossos professores. Apenas os de instrução primaria, comprovando eloquentemente quanto podem e valem os pequenos e como é delles

que parte quasi sempre o exemplo das iniciativas salutares, têem reunido congressos, constituiram-se em associação de socorros mutuos, e crearam, por muita parte já, caixas de assistencia dos proprios alunos ás suas escólas. Mas são uma excepção. Nem ao menos os institutos de ensino superior de Lisboa e Porto se acham organizados em centros universitarios, nem na nossa unica Universidade o magisterio estreita relações entre si e com os seus discipulos. Se pouquissimos dos seus membros se dedicam esforçadamente á causa publica, ao povo, como esse, cujo nome, por imposição de reconhecimento, resalta para nós nesta ocasião em que elle está prestes a findar a sua gerencia, tão inteligente e infatigavel e tão proficua, o actual presidente do municipio conimbricense, dr. Manuel Dias da Silva, quão mais raros não são os que se possam apontar como o sabio botanico, abalizado lente tambem da nossa Universidade, dr. Julio Augusto Henriques, que, presidindo paternalmente á Sociedade Philantropico-academica, tem sido nos ultimos annos a providencia dos estudantes desva-

lidos? Em Portugal, o povo e a juventude vêem-se muito sós. E, não obstante, — admiravel condão da nossa raça, feita e humanada nos trabalhos e nos perigos! — em ninguem palpitam tanto os sentimentos de camaradagem entre nós, e são o povo e a juventude portuguêsa que nos vão mesmo efusivamente internacionalizando, aproximando-se do povo e da juventude da nação nossa irmã, a Espanha, donde, em jovial competencia de afectos, já revoam de vez em quando até nós os cantantes bandos das suas donosas estudantinas.

O que disse das liberdades publicas, digo da liberdade do trabalho, que todas as liberdades individuaes resume, a de viver e a de pensar, sentir e agir: ella soffre as mesmas atribulações do regimen social e do regimen educativo. Faltam oficinas ao país? Não faltam menos ao ensino aulas, escólas, Faculdades, Universidades. Faltam tanto, que, assim como temos ahi legiões de famintos de pão, que emigram para longe em demanda de trabalho remunerador, temo-las de famintos de instrução, que, pudessem muitos delles, e emigrariam tambem para melhores terras

á busca de estudos e cultura. O trabalho é excessivo? Não dá diariamente, nem semanalmente, descanço bastante ao corpo e ao espirito do operario? Tão pouco o tempo tomado pelas aulas o dá ao estudante para elle viver, espairecer, avigorar-se, polir-se, e, robusto e gentil, desempenhar-se para com a familia e a sociedade do tributo comum de serventia e de afabilidade de que ninguem deve isentar-se, e que até a uma creança é tão facil pagar-nos bizarramente, porque basta para isso que a deixem sorrir-nos. O lema dos tres 8 veiu mesmo da propaganda da moderna pedagogia para as recentes procissões annuaes do operariado no 1.º de maio. O trabalho, além de excessivo, é, em si mesmo, mecanico, forçado? faz-se policialmente, com um livro de inscrição de faltas e ao toque da sineta na oficina? Tambem na escóla. Numa o chefe talha a tarefa, na outra o mestre marca a lição. Numa impõe-se o modelo, o padrão; na outra o texto. Numa e noutra, operario e aluno estão, a cada momento, submetidos á pressão duma regra uniforme, que aperta, tortura e esmaga, com rigidez de ferro, a

variedade fecunda dos livres movimentos e aptidões das suas faculdades. Na oficina, a repetição invariavel do mesmo trabalho, que hipnotiza e amputa o espirito. Na escola, uma prolixidade, uma pulverização de cada programa, que pouca diferença faz da repetição hipnotizante do mesmo estudo; e, — passada a escóla elementar e passado o liceu, onde ha já diferenciação dos estudos, mas contrafeita e tumultuaria, — no ensino superior, da nossa Universidade, uma estreitura de plano, muito parecida com a invariabilidade do trabalho na oficina, que tem por efeito mutilar, como ella, o espirito, separando os estudos inultrapassavelmente por annos, quando não é mesmo por Faculdades, como se uma sciencia não se pudesse aprofundar especialmente antes doutra, e não houvesse mas é, com a autonomia de cada uma, uma perfeita solidariedade e interdependencia entre todas ellas, de tal modo que o que mais aproveite, por exemplo, a um geologo para se perfazer idoneamente na sua especialidade, póde ser a filologia, ou reciprocamente. Por causa desta erronea e funesta idéa da subordinação dos estudos

e cadeiras, o nosso matematico despreza a fisica, que aplica a matematica, o nosso fisico a mineralogia e a biologia, que aplicam a fisica, e o nosso homem de sciencia a arte e a industria, que aplicam a sciencia. Pois até a arte e a industria não se aplicam, por sua parte, menos á sciencia, e em todas ellas, numa como noutras, se elabora e depura o calculo, a matematica, que não é senão a mais perfeita, a mais lucida, a mais rigorosa e mais subtil linguagem do raciocinio. De certo que entre os diversos ramos da actividade humana ha classificação, mas reversivel, á semelhança do que acontece com a propria arvore natural, onde até os ramos se podem transmudar em raizes e as raizes em ramos. O que não ha, é subordinação deprimente, de maior para menor; como a não ha, de um para outro ramo, entre os profissionaes que os cultivam. São todos homologos, todos irmãos. E a mesma fraternidade devia reinar entre os membros de cada profissão. Mas não; e é ainda a escóla a consectaria da sociedade nesta tirania: uma distribue desegualmente o capital; a outra, a instrução. Se não

existe uma escala de acesso francamente aberta a todos, por onde cada oficial suba a mestre e cada mestre a director de fabrica ou empreza, é mesmo, em grande parte, porque tambem os graus de ensino, primario, medio e superior, não estão liberalmente, democraticamente, hierarchizados. Ha categorias fechadas de estudantes, como de trabalhadores.

Em tudo, eu identifico, no meu pensamento e no meu coração, a imagem da escóla com a imagem da patria, em tudo, nas minhas tristezas pelos seus reveses e decadencia, como na minha inextinguivel confiança no seu resurgimento. E a ambas, confundidas no mesmo amor, dirijo deste logar as mais votivas saudações, muito especialmente a esta minha muito querida Universidade, aos seus professores, aos seus alunos, e ás suas alunas, que lhe vieram trazer, com o encanto educativo das suas graças, o delicado realce dos talentos e virtudes do seu sexo, e a esta saudosissima Coimbra, nossa sempre sorridente hospedeira, que, agora mesmo, ao reabrir das nossas aulas, nos acolhe tão festivamente, espargindo sobre nossas cabe-

ças as folhas d'oiro dos seus lendarios choupos.

O Annuario da Universidade de 1904 a 1905 publicou esta oração inaugural acompanhada da seguinte nota:

— Terminado o discurso do Ex.mo Sr. Conselheiro Dr. Bernardino Machado, o presidente Dr. Avelino Cesar Augusto Maria Callisto tomou a palavra para saúdar pelo seu anniversario S. Magestade a Rainha a Senhora D. Maria Pia, e commemorar os serviços prestados á Universidade pelos illustres professores extinctos no último anno lectivo e principio d'este, como também para rectificar alguns factos e mostrar a inopportunidade das considerações que os acompanhavam, affirmados no referido discurso. —

Em vista de tal nota, telegrafei ao reitor da Universidade que não voltaria ao serviço da minha cadeira sem me ser dada explicação satisfactoria. Eis as cartas que a esse respeito me foram dirigidas.

Meu caro Bernardino Machado

Recebi a sua carta de hoje, cujo conteúdo foi para mim uma desagradavel surpreza.

Dei conhecimento d'ella ao Sr. Vice Reitor e aos collegas, e todos sentiram muito que V. Ex.ª tomasse tão grave resolução.

Pela minha parte peço licença para lhe dizer francamente que me parece que V. Ex.ª exagéra o seu melindre. Peço-lhe que reflicta serenamente sobre o caso e desista de semelhante proposito. Ainda mesmo que com isso haja

de fazer alguma violencia aos seus sentimentos pundonorosos, esse sacrificio ser-lhe-ha agradecido pelos Collegas e pelos seus discipulos, os quaes, por certo, o Bernardino não deseja abandonar.

Com a maior consideração e a mais dedicada estima sou

de V. Ex.ª
Coll.ª e amigo velho
e obg.mo

Dr. Antonio dos Santos Viégas
(decano da Faculdade)

Ill.mo e Ex.mo Sr.

Tenho a honra de communicar a V. Ex.ª, por não constar da carta dirigida a V. Ex.ª pelo decano da Faculdade de Philosophia, que a Faculdade resolveu por unanimidade enviar ao Reitor da Universidade o seguinte telegramma que acaba de ser expedido.

— A Faculdade de Philosophia, sentindo a resolução do Dr. Bernardino Machado, communicada a V. Ex.ª, espera de V. Ex.ª todo o empenho em que ella não seja mantida. —

A Faculdade espera que V. Ex.ª, recebidas explicações sufficientes, desistirá da sua resolução, que tanto sentimos.

Aproveitando a occasião, mais uma vez peço a V. Ex.ª que acceite a expressão do meu mais profundo respeito.

De V. Ex.ª
am.º m.to obg.º

Anselmo Ferraz de Carvalho
(secretario da Faculdade)

Ill.mo e Ex.mo Sr. e meu illustre Collega e presado amigo.

Escrevi e disse já a V. Ex.a que tambem eu tomava a responsabilidade do pensamento e intenção da nota, que parecia tel-o aggravado.

Creio porém que, dada a seguinte explicação, V. Ex.a se dará por desaggravado.

A nota exprime a divergencia entre as opiniões de V. Ex.a e as do nosso Collega, Dr. Callixto, bem conhecidas de todos os que assistiram na sala dos Capellos ao acto solemne da abertura da Universidade. Nada mais exprime.

Com esta explicação concordou o nosso Collega Dr. Callixto, a quem, por um impreterivel dever de lealdade, a mostrei.

Espero pois, e sinceramente desejo, que V. Ex.a continue no serviço da nossa Universidade, da qual é um dos seus mais illustres professores.

Como sempre, com toda a consideração e verdadeira estima,

De V. Ex.a
Collega e am.o obrigadissimo
Dr. Pereira Dias
(reitor da Universidade)

4-2-905.

Dr. Joaquim Augusto Simões de Carvalho

Senhores!

Lisonjeia-me devéras ser o relator da candidatura * do meu sabio lente, o dr. Simões de Carvalho, a socio honorario do Instituto.

Eu sou dos que puderam admirá-lo, quando ainda a sua palavra vernacula, tão abundante como a sua ilustração, revestia as fórmas mais animadas e insinuantes para prender a atenção dos seus discipulos e conduzir-lhes o raciocinio atravez dos complicados problemas da sciencia.

Elle pertencia a uma pleiade de professores que deram o mais intenso brilho ao

* Da iniciativa do autor em 3 de julho de 1896.

magisterio universitario. Emquanto nós, alunos de matematica e filosofia. iamos á medicina ouvir Silva Gayo, a direito Augusto Barjona e a teologia o Padre Albino, muitos alunos das outras Faculdades vinham ás nossas ouvi-lo a elle.

A sua eloquencia não perdia nada das bellas qualidades que a exornavam, quando o escritor se revezava ao orador. O seu livro de filosofia chimica é a um tempo uma obra de sciencia e uma obra d'arte; foi, lendo-o, que, á entrada dos estudos naturalistas, muito dos rapazes da geração que precedeu a minha, e ainda da minha, se apaixonaram por elles até virem a cultivá-los com grande lustre. E do que era a sua prosa, fluente e elegantissima, dão-nos de perto testemunho tantos e tantos artigos com que elle por sucessivos annos honrou a nossa Revista.

Não resisto a duas palavras mais. No trato particular o homem não desdizia um ápice dos primores do mestre; por isso ouvi-lo ou lê-lo era conhecê-lo. A sua figura, naturalmente correcta e nobre, não precisava de se compôr para saír a publico.

Folgo muito de me associar de todo o principio aos meus colegas na homenagem que lhe vai ser prestada.

MEUS SENHORES *!

Venho aqui, coberto de luto pela morte dum dos nossos eminentes homens de sciencia, que foi ao mesmo tempo um dos mais egregios vultos da nossa Universidade, o dr. Joaquim Augusto Simões de Carvalho.

Grande orador e grande escritor, o seu ensino, que fez a instrução e o encanto de sucessivas gerações durante trinta annos ininterruptos, revestia, com as formas mais agradaveis, o tom solene duma verdadeira magistratura social. Com elle, aprendia-se mais do que simplesmente a sciencia; apren-

* Alocução proferida á beira da sepultura, em Coimbra, 15 de junho de 1902.

dia-se a amá-la como um dever, como um bem, e a venerar como sacerdotes os seus mestres. A sua palavra vibrante, comovida, tinha o maravilhoso condão de elevar todos os assuntos á dignidade moral; e, em todas as questões que elle agitasse, sentia-se pulsar fundo no seu coração o interesse humano. Exemplar acabado do professor, foi sempre o humanista, o educador, conscio de que sobre elle impendia com todas as suas graves responsabilidades o sagrado encargo do governo das almas juvenis.

Tudo na sua majestosa figura, até o seu ar antigo, que tão bem se ajustava com a grandeza heraldica das tradicionaes pompas academicas, contribuia para firmar no animo dos discipulos a sua autoridade paternal. Bastava a sua só presença para infundir á sala da aula um aspecto imponente, quasi religioso; e eu, que tive a honra de ser seu aluno, ainda agora o estou vendo na catedra, envolto nas severas dobras da capa doutoral, a alvura das mãos e do rosto destacando sôbre o fundo negro da batina, com a corôa dos seus raros cabelos cingida, como num nimbo, pelos reflexos

brilhantes da sua vasta fronte, nervosamente tenso o corpo todo, quasi sem gesticular, mas extraordinariamente moveis os olhos e a bôca, falando-nos numa melopêa e com uma unção tão penetrante que a sua lição assumia para nós todo o prestigio dum apostolado.

O seu zelo pelo magisterio confundia-se com o seu acrisolado culto pela patria. Serviu-o nobremente pela eloquencia das suas prelecções, pelos seus claros escritos, entre os quaes serão sempre apreciadas como um primor as suas *Lições de Filosofia Chimica*, e pela devoção com que, em todas as ocasiões, celebrou os nossos fastos docentes, assinaladamente no centenario da reforma pombalina da Universidade, a que, com inexcedivel solicitude filial, pôde consagrar um digno padrão de reconhecimento nas palpitantes paginas da sua substanciosa *Memoria Historica da Faculdade de Filosofia*. E, com o peito assim constelado de serviços, quando atingiu felizmente o termo da sua benemerita carreira, quem dos poderes publicos ou das corporações oficiaes acorreu a entregar-lhe, em festiva homenagem, algum dos laureis por elle galhardamente

conquistados em tão porfiosas lides escolares? Quantas vezes, desde então, se ouviu sequer pronunciar o seu nome ilustre?

Ai! como em Portugal morrem depressa os melhores servidores da nação!

Dr. Francisco Antonio Rodrigues d'Azevedo *

Meus senhores!

Vimos, pelo Instituto de Coimbra, render as ultimas homenagens ao nosso socio honorario, dr. Francisco Antonio Rodrigues d'Azevedo, o respeitavel ancião a quem ainda ha poucos dias animavam todas as graças com que a natureza se compraz de exornar a quadra final da vida humana. Um brilho interior parecia coar-se atravez de toda a sua figura tão nitida, resplendendo-lhe no olhar, scintilando-lhe no sorriso e aureolando-lhe a cabeça com o nimbo radioso dos seus bellos cabelos brancos. Do autoritario que elle fôra, por tempera-

* Alocução proferida á beira da sepultura, em Coimbra, 13 de janeiro de 1897.

mento e por educação, o seu grave aspecto tinha-se dulcificado com os annos, tomando os tons insinuantes que tornam a autoridade irrecusavel.

Duplamente venerando, como sacerdote e como professor, o seu nome fica inscrito com honra nos fastos da tribuna sagrada e da catedra docente da nação. Foi sobretudo um orador; e do orador sagrado e catedratico conservou até aos derradeiros momentos o porte nobre, a compostura do gesto com a pureza e elevação da dição. Fazia gosto ouvir da sua bôca, incisiva e sobria, os poderosos acentos da nossa lingua vernacula!

Meus senhores! O Instituto de Coimbra, como representante das letras patrias neste logar, curva-se reverente sobre o feretro dum dos mais encanecidos membros da sua familia.

Dr. Damasio Jacintho Fragoso *

Meus senhores!

A nossa Universidade relembrará sempre com saudade o periodo da sua vida em que um brilhante grupo de theologos, ao qual pertencia o dr. Damasio Jacintho Fragoso, animava o seu ensino com as mais prodigiosas audacias do talento. Distintissimos pelo saber, apaixonavam-nos sobretudo as scintillantes requestas da palavra; e era de ver como, no ardor das refregas, elles proprios sacudiam de si galhardamenre a invulneravel autoridade da sua erudição para melhor patentearem em toda a nudez a pujante musculatura das suas faculdades. Dialeticos admiraveis, tinham mais que

* Alocução proferida á beira da sepultura, em Coimbra, 1 de dezembro de 1897.

ninguem a perspicacia, o engenho e o impeto combatente!

Sucederam-se as gerações, outros nomes vieram ilustrar já tambem os fastos nacionaes das sagradas letras; mas nada pôde ainda empalidecer para o culto dos seus contemporaneos a fama dessa falange gloriosa. E o Instituto de Coimbra, fiel á sua grande memoria, deposita hoje sobre a campa do seu ultimo representante um ramo de imarcessiveis laureis.

Dr. Julio Cesar de Sande Sacadura Botte *

MEUS SENHORES!

Poucas pessoas passarão tão serenamente pelo mundo como o dr. Julio Cesar de Sande Sacadura Botte. Não faltando em nenhum logar e em nenhuma ocasião ao chamamento do dever e ás responsabilidades do seu desempenho, parecia ter sempre o proposito de o cumprir sem ruido, nem ostentação, com o maior desprendimento pessoal, como quem achava em si mesmo, na intimidade da consciencia, a melhor recompensa dos seus serviços.

Mas este retrahimento não era frieza. Ele não sofreu nunca o contagio da aridez

* Alocução proferida á beira da sepultura, em Coimbra, 29 de dezembro de 1899.

do coração, que, em Coimbra, — onde aliás a mocidade e a natureza estão perenemente em festa —, emurchece e definha, que é uma dôr! muitas das inteligencias mais cultas. A sua compostura, genuinamente catedratica, nada tinha, porém, de agreste, antes se amenizava com todos os donaires da mais fina afabilidade; e a sua mão delicada tanto se estendia afetuosamente para os seus eguaes, como era prompta em abrir-se a quem quer que necessitasse da sua generosa proteção.

Na sua palavra revia-se toda a polidez do seu trato. E, pela distinção com que expunha os assuntos ainda mais triviaes ou ingratos, elé foi um dos professores que melhor tẽem sabido honrar a fidalga tradição de vernaculidade e apuro da linguagem universitaria.

A sua morte arrebata-nos um ilustre homem de sciencia, e, o que é mais, um primoroso exemplar do homem de sociedade e do homem de bem. Eu, que de perto o conheci e devéras o apreciava, ponho nesta homenagem, que venho render-lhe em nome do Instituto, toda a sensibilidade das minhas proprias recordações.

Dr. Augusto Rocha *

MEUS SENHORES!

Com Augusto Rocha desaparece um dos maiores talentos e um dos mais infatigaveis trabalhadores do nosso tempo.

O talento borbotava-lhe na menor conversa. E a quem não tratasse com ele de perto, bastava lê-lo. Na sua prosa, esmaltada de luzentes reflexos metalicos, como uma lamina de vistoso torneio, crepitavam eletricamente as desgarradas chispas da mais exuberante apojadura inteletual. O trabalho a que se submetera desde muito novo, acumulando com o seu curso scientifico e medico serios estudos linguisticos,

* Alocução proferida á beira da sepultura, em Coimbra, 31 de janeiro de 1901.

historicos e filosoficos, exercitando-se na polemica e no atletismo dos mais brilhantes centros da academia do seu tempo, e tenteando o seu pulso de escriptor para as publicações da edade madura, entre as quaes só citarei, para prova da sua inquebrantavel perseverança, a *Coimbra Medica,* que redigiu durante vinte annos consecutivos, sem a mais pequena suspensão, pontualissimamente, quasi até expirar, o trabalho encarnara-se-lhe tão profundamente, que, ao ter nos ultimos dias de romper com elle por imposição formal dos seus dedicados colegas assistentes, as lagrimas saltaram-lhe dos olhos.

Por isso, sempre dê ponto em branco, elle pôde, ainda nas aulas, medir-se com outros espiritos de eleição, como eram, para não falar senão dos mortos e dum quasi de todo oculto na penumbra da sua modestia, os seus condiscipulos Antonio Maria de Sena, Joaquim Antonio da Silva Sereno e Joaquim Urbano da Costa Ribeiro, e pôde, logo á entrada da sua carreira clinica, terçar armas, sem desfalecimento nem desaire, com personalidades já consagradas, do maior vulto.

E em Augusto Rocha o homem de sciencia duplicava-se dum artista. A garridice da sua figura, coroada docemente pela fluidez dos seus ondeados cabelos loiros, e, mais que aprumada, tocada dum certo ar triunfal, realçava com um mixto de desplante e de graça infantil o entono da sua esmerada dição, ampla e nitente; e, ainda que, pela ponta de altaneria que ostentava, cheio de emulação, sempre em riste, atirando-se volutuosamente e sofregamente a todas as arenas, estimulasse um tanto o seu auditorio á primeira impressão, não havia ninguem, por mais prevenido e hostil mesmo, que elle não acabasse por magnetizar e seduzir com as galas e fulgores do seu opulento engenho. Viu-se bem no recente Congresso nacional de medicina celebrado em 1898 em Lisboa, onde foi verdadeiramente empolgante ao ler a sua formosa memoria sôbre a *Influencia dos congressos na constituição scientifica da medicina*.

Em publico é que ele gostava de se ver. Tinha a paixão scenica. E, se algumas vezes o seu animo militante o levou, por amor a um gesto de efeito, a cometer

injustiças, só quem não viveu na sua intimidade, é que não sabe, como, arrefecendo, o enfrenesiamento do ataque cedia nelle de chofre a uma simples palavra amiga que falasse austeramente á ingenua docilidade do seu carater.

Foi um lutador. Catedratico, deixa ilustremente assinalada no magisterio a sua inovadora passagem por importantissimos serviços, em que avulta a creação do laboratorio de bacteriologia da Universidade, o primeiro do seu genero instituido no país; e não limitou a sua campanha a dentro das paredes da sua aula, acudiu num lance inolvidavel a esta cidade, presa de uma cruel epidemia, e, tanto aqui como fóra, a nação achou-o sempre pronto a tomar o nobre posto que lhe competia na sagrada defesa da vida dos seus concidadãos. Nos fastos patrioticos da nossa Universidade está insculpida com letras de oiro a data do Congresso nacional de tuberculose, que, simpaticamente iniciado por discipulos seus, foi principalmente a obra compassiva da sua poderosa participação. Se semeou agravos, nenhum de certo se levanta hoje para contestar que elle foi um lutador valo-

roso, que, acima de tudo, lutou pelo progresso da sciencia e da patria.

A morte, fulminando-o rudemente no coração, veiu lembrar a todos que elle o tinha, e retalhado por tanta angustia, — até pela maior de todas, a de perder um filho! — que bem merecia, ao depôr as armas de combate, o lenitivo de ver estenderem-lhe as mãos, sem o minimo resentimento, num cerrado preito de admiração, os seus adversarios ainda os mais intransigentes. E pôde talvez, nas azuladas brumas do seu crepusculo, parecer-lhe que iam despontar de novo para elle os candidos dias de outr'ora, de amor e de aspirações infinitas, da sua sanguinea mocidade, voltando a encontrar ao seu lado, junto ao seu coração moribundo, o coração palpitante, ardente e generoso dum dos seus melhores condiscipulos, que é hoje honra e gloria da Universidade e da medicina portuguêsa, o dr. Daniel de Mattos!

Meus senhores! Eu tambem fui seu condiscipulo, estudámos muita vez á mesma banca, alumiados pelo mesmo tradicional candieiro, idealizámos nos mesmos passeios, de gorro e capa ao vento por esses

deliciosos campos fóra, vivêmos em commum esta feiticeira vida de estudantes que irmana para sempre os homens com laços que nada já póde destecer... Nada, nem a morte!

Dr. Bernardo Antonio Serra de Mirabeau *

MEUS SENHORES!

O dr. Bernardo Antonio Serra de Mirabeau, cuja rija compleição, mais ainda que a edade, a cruel doença acaba de prostrar, foi, além dum catedratico emerito, austeramente consagrado ao diuturno desempenho do seu magisterio, um fervoroso crente na virtude soberana do ensino, em que por si proprio procurou multiplicar-se, mostrando-se tão insigne na regencia da ardua especialidade que tinha oficialmente a seu cargo, como na larga doutrinação humanista que livremente professava para a disciplina geral da juventude.

* Alocução proferida á beira da sepultura, em Coimbra, 13 de janeiro de 1903.

Por isso, pelas viris esperanças que punha nas nossas instituições docentes, ninguem conhecia melhor a vida de cada uma, sobretudo a da sua Universidade, que elle amava religiosamente, como bem lho demonstrou na devoção dos seus serviços, entre os quaes sobresae pela magnitude a sua *Memoria Historica da Faculdade de Medicina* a que pertencia, monumento pedagogico do mais puro classicismo, erguido com todo o carinho literario pelas suas mãos piedosas. E com que fremente enlevo elle associava sempre as nobres tradições heroicas da academia de Coimbra aos gloriosos épos do nosso imorredoiro genio nacional! A solene intimativa do seu gesto um tanto marcial imprimia então um grave acento de irresistivel transporte á sua poderosa palavra, diserta e castiça, acendendo de novo na sonoridade da sua voz os eloquentes brios que, logo na adolescencia, entre condiscipulos, na sua lendaria Beira, lhe haviam aditado ao apelido da familia um cognome celebre. É que, sob o severo aspecto daquele erudito sabio, palpitava insofridamente um coração generoso de liberal e patriota, que saberia, em qualquer

lance, solver com a maior hombridade todas as sagradas obrigações d'honra do cidadão.

Não se eximia a nenhuma, por grande ou minima que fôsse. E nem o seu animo bizarro era capaz de se cerrar, indiferente, ás solicitações de ninguem; posso, com sobejo motivo, atestá-lo, eu, que, na qualidade de presidente do Instituto, de que elle era muito digno socio honorario, e pessoalmente, como seu amigo, tanta vez recorri aos seus desinteressados bons oficios sem nunca lhe esgotar a infatigavel complacencia. Ai, nestes tristes tempos, em que o grosseiro e letal egoismo das nossas classes dirigentes tudo e todos ameaça contaminar, que imensa falta não faz ao nosso anciado meio a figura assim espiritual dum homem superior, exemplarmente fiel ao dever e ao bem, que, sem orgulhos, na simplicidade estoica da sua existencia, de todos os labores e canceiras parecia sentir-se bastante recompensado só pelo prazer de, aos domingos, desenclausurado das suas absorventes ocupações, atravessar, entre os respeitos geraes, as ruas da cidade, aprumando-se ternamente ao braço gentil da

filha amantissima! Tocante quadro, que não esquecerei jámais.

Meus senhores! Com o dr. Serra de Mirabeau, não é só um dos ultimos ilustres representantes duma geração valorosa que desaparece; vai-se tambem cada vez mais com esses venerando velhos o culto do ideal.

Dr. Pedro Augusto Monteiro Castello Branco *

MEUS SENHORES!

Com a morte do dr. Pedro Augusto Monteiro Castello Branco desappareceu d'entre nós uma das personalidades mais geralmente queridas, e que mais falta fazem neste meio d'intelectuaes, onde é forçoso confessar que a paixão das idéas, desprendendo-se por vezes de todo o liame social, desperdiça muito do seu poder militante em deploraveis excessos e conflictos. Elle era um salutar exemplo de quanto a bondade governa os espiritos, ainda os mais irrequietos e dificeis de disciplinar. Estimado sempre pela nobreza do seu caracter, foi na escola da vida publica que se lhe acen-

* *O Instituto*, fevereiro de 1903.

draram e desenvolveram as tendencias do seu animo naturalmente generoso, e que elle adquiriu o largo conhecimento dos homens e aquela delicadeza de tacto que tornavam tão procurado o seu conselho e tão penetrante e eficaz a sua bôa influencia. Habitando um arrabalde, d'ares lavados como o seu coração, a sua casa oferecia a quantos lá iam, um centro moral, quasi unico, de benevolencia e apaziguamento, não menos higienico do que o proprio sitio. Dir-se-ia que elle escolhera de proposito para residencia uma cumiada, donde abraçasse com a vista os poeticos encantos de Coimbra, sem nada poder de lá distinguir das suas mesquinharias, e que na beleza dessas grandes linhas, que contemplava, embevecido, a sua alma afectuosa se inspirava incessantemente para a obra de união e cordialidade a que se devotara.

Da vida, tão portuguêsmente leal e dedicada, do dr. Pedro Augusto Monteiro Castello Branco colhamos todos a preciosa lição civica que ella encerra, e assim prestaremos a melhor homenagem á sua memoria saudosissima.

Dr. Antonio Augusto da Costa Simões *

Meus senhores!

O que um só homem póde fazer pela nação, á força de imperterrito labor e de inabalavel fé no seu ideal, demonstrou-o sobejamente o dr. Antonio Augusto da Costa Simões, o sabio de reputação universal e o filantropo modelar, que, ha muito já, precocemente emaciado pelo enclausuramento do estudo, brancas as barbas, na sua figura austera, que um sorriso de candura iluminava, concentrara mais do que os respeitos, a unanime veneração dos seus contemporaneos.

A prodigiosa actividade daquele rijo espirito marca, pela sua orientação moderna,

* Alocução proferida á beira da sepultura, na Mealhada, 28 de novembro de 1903.

liberal e altruista, uma epoca de profunda renovação do ensino e de importantissimo desenvolvimento da assistencia publica no país. Medico, teve, acima de tudo, duas altas e nobres ambições: como professor, cimentar a independencia intelectual das classes dirigentes, iniciando entre nós, pelo rasgado exemplo do trabalho prático, pessoal, de mestre e discipulos, na sua aula de fisiologia geral, uma sciencia nossa, original, devéras portuguêsa; como clinico, melhorar a sorte das classes desvalidas, nas crises sombrias da doença, promovendo e aperfeiçoando humanitariamente a sua hospitalização.

A esta dupla campanha patriotica se dedicou tenazmente, entranhadamente, sem ter nunca um momento de cansaço ou de desanimo, com uma disciplina inquebrantavel, militar, na serena beatitude dum apostolado. Por isso ninguem ainda foi mais justamente querido da nossa briosa mocidade escolar, que, ao cerrar-se para o ilustre catedratico a sua benemerita carreira docente oficial, o aclamou em triunfo, celebrando em sua honra, na majestosa sala dos capêlos da nossa Univer-

sidade, um solene jubileu; ninguem mais justamente querido do nosso bom povo, que de Coimbra vinha aqui em romaria nos ultimos annos a alegrar-lhe a velhice com a musica festiva das suas fanfarras. E agora mesmo vemos dolentemente encorporados no seu cortejo funebre, para comnosco lhe tributarem as derradeiras homenagens de gratidão e saudade, as carinhosas deputações de operarios e de academicos, que não quizeram tambem deixar de acompanhar devotamente o seu cadaver até este modesto cemiterio, que a sua sepultura vai tornar por todo o sempre sagrado para o culto civico da nação.

Assim se reconhecem, meus senhores, os grandes homens, que têem de ser grandes sobretudo pelo seu poder de atracção e de solidariedade social.

Dr. Alfredo Filgueiras da Rocha Peixoto *

MEUS SENHORES!

Parece-me que foi ainda hontem que, logo á minha entrada na Universidade, ouvi o nome de Alfredo Filgueiras da Rocha Peixoto gloriosamente repetido na sala dos capêlos entre os dos alunos mais laureados das duas Faculdades de mathematica e de filosophia simultaneamente. E, dentro em pouco, na camaradagem academica, e, mais tarde, como seu colega, no magisterio, no Conselho superior de instrução publica e no parlamento, eu pude, por mim mesmo, apreciar de perto, no seu intimo convivio, quanto elle merecia o alto conceito que dos seus prometedores

* Alocução proferida junto ao feretro, em 3 de agosto de 1904.

dons haviam formado, com seguro criterio, os seus sabios mestres. O seu talento só tinha egual na sua emotividade; e tanto eram para admirar as subtilezas dialecticas de argumentação que, com privilegiado engenho, elle punha ao serviço das suas paixões, ou antes quasi sempre, das suas dedicações, como o ardor febricitante de polemista com que inabalavelmente propugnava pelas suas idéas.

Em meio, porém, de tão intensa vida da inteligencia e do coração, cujas forças, já de si excessivas e arrebatadas, o seu impetuoso temperamento ainda mais exaltava, elle caía, por vezes, em desfalecimentos profundos, como se, alheado então deste mundo, o estivesse irresistivelmente atraindo para si a imagem saudosa dos entes queridos que começara a perder desde muito novo.

Foi num estado desses que o encontrei ha dias. E lembrou-me a poetica figura do seu loiro irmão Artur, nosso alegre companheiro de juventude — que elle tratava com o carinho de primogenito — fulminado aqui pelo tifo, em plena florescencia, quando todas as esperanças de felicidade lhe sorriam docemente...

Mas como eu estava longe de imaginar a tremenda catastrofe que, a breve trecho, o havia de angustiosamente arrancar a elle d'entre nós, deixando-nos imersos numa incomensuravel tristeza!

Dr. Joaquim Augusto de Sousa Refoios *

MEUS SENHORES!

Que grande, que tremenda desgraça! O dr. Sousa Refoios não era só um dos nossos primeiros medicos operadores, gloria da sciencia e do magisterio português, era tambem um valoroso patriota, cujos intrepidos serviços á causa da liberdade contra a reacção não devem ser esquecidos.

Só a demencia seria capaz de atentar contra uma vida tão preciosa e benemerita, que bastou soar a noticia de que ella perigava, para logo Coimbra inteira, alvoroçando-se, num estremecimento que reper-

* Alocução proferida junto ao feretro, em 5 de dezembro de 1905.

cutiu de golpe por todo o país, se precipitar em éstos doloridos para a sua porta, á busca duma esperança, e torturada por não poder ir á cabeceira do seu leito, que os seus ilustres colegas cercavam desveladamente, levar-lhe ao menos o cordial da simpatia popular em troca do curativo e da saude que tantas vezes recebera da sua inexcedivel pericia clinica. E até o clamor das revindicações e das discordias sociaes se suspendeu na praça publica, para que nada perturbasse o silencio religioso da nossa anciedade, ai! bem depressa transformada no mais lancinante desengano.

Como este tragico acontecimento, meus senhores, é tristemente de natureza a aconselhar-nos a cordialidade, a tolerancia reciproca, em contraposição á loucura da perseguição e da violencia, que tanto ataca os individuos como os partidos, ameaçando ferir de morte a unidade secular da alma nacional!...

Dr. Antonio Henriques da Silva *

Meus senhores!

Vizeu era, ao tempo da minha mocidade, um centro de intensa convivencia, onde não só se encontravam o bispo Alves Martins, o orador sagrado conego Martins, os Campos, os Mendes, mas onde os simples elegantes coleccionavam com amor as obras e as reproduções dos grandes mestres da pintura e da escultura, e até as senhoras eram tão artistas como D. Maria do Ceu Mendes e tão instruidas como D. Eugenia Vizeu.

* Alocução proferida junto ao feretro, em 11 de maio de 1906.

Foi nesse meio espiritual que decorreu a adolescencia do dr. Antonio Henriques da Silva. Quando então o conheci, achava-se elle no momento critico em que, pela força liberal da sua cultura literaria, ia separar-se para sempre dos estudos teologicos que frequentara com a maior distinção no seminario diocesano. Coimbra e a sua Universidade atraíam-no.

Aqui estreitámos mais tarde relações, sendo elle já lente abalizado de direito penal.

Da cátedra, para honra sua e da sua Faculdade, o dr. Henriques da Silva professou convictamente, eloquentemente, com todo o humanismo moderno, as mais caroaveis e redentoras doutrinas. E sempre, dentro e fóra da aula, o aprumo da sua figura se impoz cortezmente a todos com o mais fino destaque. Foi um professor e foi um homem egualmente primoroso.

Por isso, eu, que apreciei de perto os seus talentos, o seu saber e a esmerada correcção do seu caracter, não podia rememorá-lo condignamente, sem evocar tambem, á sua volta, a polida sociedade em que primeiro desabrochou a sua alma, nessa

sua querida Vizeu, a que a lendaria cava de Viriato e os bellos quadros de Grão Vasco dão um fundo historico e uma decoração estética de tão nobres e delicadas emoções...

João Rodrigues Vieira *

MEUS SENHORES!

Corta o coração ver cair de golpe no chão do cemiterio algum dos nossos mais vigorosos companheiros de trabalho, sobre quem a vida apenas projectava os primeiros alvôres da felicidade. E João Rodrigues Vieira merecia-a bem, até pela sua efusiva confiança nella!

A sua figura, cheia de animação, mas a um tempo jovial e modesta, não havia ninguem a quem não cativasse! Artista de talento, impregnava sempre as suas relações sociaes duma delicadeza penetrante; como se a sua alma afectuosa possuisse o condão de concentrar em si todo o per-

* Alocução proferida á beira da sepultura, em Coimbra, 6 de janeiro de 1898.

fume das flôres que tão predilectamente lhe inspiravam as risonhas tintas da sua palêta.

Nós, os seus consócios do Instituto de Coimbra, devemos-lhe uma convivencia encantadora, que não olvidaremos jámais.

Dr. Francisco Antonio Diniz *

Meus senhores!

Venho trazer aqui as saudosas homenagens do Instituto de Coimbra ao nosso consocio fundador, o dr. Francisco Antonio Diniz, que, falecido em tão provecta edade, se lhe conservou sempre até morrer tão fielmente devotado como nos tempos mais efusivos da sua creadora juventude.

Decano do magisterio secundario, a elle se deve, sem duvida, a iniciação do ensino pratico das linguas vivas no liceu de Coimbra. E, quando se olha ao atrazo em que, a este respeito, nos achamos ainda em Portugal, é bem justo reconhecer que a sua iniciativa pedagogica representa um

* Alocução proferida junto ao feretro, em 12 de janeiro de 1907.

criterio renovador verdadeiramente revolucionario para a rotina gramatical da sua epoca.

Filho do povo, dir-se-ia que no povo, no seu inteligente realismo e no seu fecundo espirito de ordem e de economia, tanto espiritual como material, elle se inspirava para a severa disciplina prática com que conseguiu não só ser por tantos annos um excelente professor moderno, mas conjuntamente realizar estas duas obras tão dificeis, educar eficazmente até ao mais honroso exito uma familia numerosa e viver sem uma crise de doença, sem nenhum abatimento fisico ou moral, uma vida quasi centenaria sempre prestantemente para os seus concidadãos.

A sua inquebrantavel actividade espalhou-se em incessantes serviços mesmo para além de Coimbra; mas sobretudo a esta cidade, sua terra natal, que todos os dias percorria com amor, elle consagrou benemeritamente a sua existencia laboriosa, e, pela sua parte, o Instituto de Coimbra, que tenho a honra de representar, não o podia esquecer.

O licenciado Alberto Pessoa *

MEUS SENHORES!

A cruel doença acaba de arrebatar-nos de golpe, na plenitude da fôrça, um dos espiritos mais activos, mais cultos e prestantes, da nossa sociedade.

Devéras dedicado á sua terra natal, a esta sorridente Coimbra, cujos progressos acariciava com deleite, Alberto Pessoa, á frente dum importante estabelecimento anexo á nossa Universidade ** e duma afamada casa de educação que fundara, serviu exemplarmente, com desinteresse e nobreza, a sagrada causa do ensino nacional.

* Alocução proferida á beira da sepultura, em Coimbra, 23 de fevereiro de 1900.

** A Imprensa da Universidade.

Mais que modesto, austero para comsigo, se, pela recta conformação do seu procedimento, o seu caracter se impunha ao respeito geral, a sua delicada singeleza insinuava-se brandamente na intimidade, careando-lhe as simpatias de quantos com elle tratassem de perto, especialmente das creanças, dos seus discipulos, em cujo convivio a palidez um tanto severa da sua fisionomia parecia aquecer-se e colorir-se com os mais dôces clarões da sua cordialidade.

O Instituto de Coimbra deveu-lhe, como funcionario publico e como consocio, serviços inapreciaveis, que venho relembrar neste angustioso lance com um reconhecimento que tem muito tambem de pessoal.

Dr. João Jacintho da Silva Corrêa *

MEUS SENHORES!

Nenhuma colectividade vive e se engrandece senão pela união simpatica dos seus membros. Desde o cristal até ao organismo e desde o organismo até á sociedade, o progresso consiste sempre num aumento d'atracção, de solidariedade, de cordialidade. Toda a instituição que se divide, que se atomiza, sem laços comuns, sem convivencia mutua, sem espirito corporativo, sem amor, esfacela-se e morre. Por isso, a maior crise de que sofre entre nós o ensino, desde a escola primaria até á

* Discurso proferido no jubileu celebrado a 30 de julho de 1903, na sala dos actos grandes da Universidade de Coimbra, por iniciativa dos quintanistas da Faculdade de medicina.

superior, é uma crise moral. Faltam-lhe bibliotecas, museus e laboratorios? Faltam livros nas suas bibliotecas, exemplares e modelos nos seus museus? São insuficientes e pobres os seus laboratorios? Peor, muito peor, é a sua penuria afectiva. Onde se congregam e fraternizam os seus professores? Onde os seus alunos? Em que reconfortante ágape espiritual uns e outros comungam e se consubstanciam entre si?

Estamos no ensino como no governo da nação: salvo raras excepções, os governantes pouco se importam com os governados, mal os conhecem, tiranizam-nos a cada passo; reciprocamente, os governados não respeitam nem estimam quasi nunca os governantes, e ao despotismo de cima responde a má vontade e a rebelião de baixo. Quantos professores procuram os seus discipulos, conversam e discutem com elles, os acompanham nos seus passeios, presidem aos seus jogos, os ajudam nos seus trabalhos, e os aconselham e precaveem contra os faceis desvaríos da sua edade? Quantos é que exercitam assim, com solicitude, carinhosamente, delicadamente, as suas funções docentes? A pro-

pria aula é ainda muitas vezes um logar, não de colaboração e d'intimidade, mas de distanciamento, d'arrefecimento. Pois nenhum ensino é completo e eficaz, se não fôr tambem uma disciplina social. O magisterio é ao mesmo tempo uma magistratura. As leis que, acima de todas, cumpre á escola demonstrar, são as leis do dever, da assistencia, do altruismo. Ora essa demonstração ha de dar-se como a das leis fisicas. Nem umas, nem outras, se podem aprender senão experimentalmente, praticamente. A virtude estuda-se como se estuda o exigeneo, preparando-o.

Infelizmente nem na nossa historica Universidade, que tantas lições edificantes encerra nos seus gloriosos fastos, o geral dos alunos se preparam cabalmente, se formam para o honrado desempenho das suas obrigações domesticas e publicas. Mas quem véla de perto pelas suas acções? quem, dia a dia, com mão protectora, os sustenta e incita e encarreira para o bem? Ai! Desde a moradia insalubre até á frequentação dos vicios, a todos os perigos estão expostos nesta tão veneranda como abandonada Coimbra. Parece incrivel, mas

é verdade: não se julga mesmo haver o direito de lhos apontar. E, quando o seu generoso sangue juvenil lhes acende assomos de dedicação, pelos necessitados, pela patria, nem por si proprios lhes é permitido educar-se: a sua liberdade assusta, os poderes publicos dispersam-nos, ameaçam-nos, prendem-nos, acutilam-nos, fazem fôgo sobre elles. Hão de servilmente acorrentar-se ao cortejo dos poderosos, aclamando-os na sua passagem; e, então sim! premeiam-se com feriados. Corrução e opressão, eis o sistema que, insistentemente, por toda a parte, intenta reger-nos.

D'ahi o abatimento do ensino e da nação.

Como havemos de reagir? Pelo nosso civismo. Tal é o alto sentido desta festa encantadora. Ella mostra-nos como é possivel, sem lutas dilacerantes, sem agressões e represalias pessoaes, operar-se a profunda revolução dos nossos costumes. Fê-la, na esfera da sua actividade, serenamente, candidamente, pelo seu espirito liberal e benevolo, ao andamento natural da sua vida, não perdendo nunca a ocasião de dispensar um serviço, de pronunciar uma palavra animadora, sorrindo sempre afa-

velmente, como um delicado e como um crente, fê-la, quasi insensivelmente, o Dr. João Jacintho da Silva Corrêa, o professor exemplarissimo, que, ainda muito moço, logo ao tomar posse da sua cátedra, a todos inspirava já inteira confiança pela sua probidade scientifica e profissional, e, desde então, sem pedanterias, sem o minimo autoritarismo, modesto e tolerante como um verdadeiro sabio, foi grangeando uma autoridade incontestavel, que de professor oficial dos seus discipulos em breve o converteu em seu professor dilecto, em seu professor eleito. Hoje se celebra aqui solenemente esta eleição.

Querem maior revolução? E' a mocidade academica a dizer aos seus lentes, pela consagração dum dos melhores d'entre elles, que tambem tem sensibilidade e coração, a que é preciso falar, que tambem pensa por si e tem uma opinião, que é preciso consultar e merecer. É, em suma, a revindicação da personalidade livre do aluno, base imprescindivel da dignidade do cidadão. Porque as franquias da nação, a sua autonomia e independencia, têem de conquistar-se desde as bancadas escolares.

Meus senhores! Estes é que são para a nossa querida Universidade os seus grandes dias de gala, em que ella póde, com orgulho nos seus mestres e alunos, consciente do dever cumprido na sua missão civilizadora, hastear jubilosamente, ao alto da sua nobre torre, a bandeira augusta da patria. E eu não só como seu professor me sinto entranhadamente comovido com tão galhardos festejos. Eu, que já fiz parte duma das gerações novas que, durante trinta annos consecutivos, o Dr. João Jacintho da Silva Corrêa, com inalteravel prestança e ternura, esteve beneficiando, dentro da aula com o seu amoravel ensino, tão avisado, fortificante e puro na doutrina como primoroso e cortez na fórma, e cá fóra com os mais compassivos cuidados, medico do corpo e medico da alma, eu venho, como antigo estudante, associar-me entusiasticamente aos meus jovens camaradas, os briosos quintanistas da Faculdade de medicina, para dar tambem ao ilustre clinico e bemfeitor o meu voto de saudação e fiel reconhecimento.

Anthero de Quental *

Minhas senhoras e meus senhores!

A Universidade não é só a escola oficial a que tenho a honra de pertencer, mas tambem a não menos gloriosa escola mutua dos seus alunos a que ainda hoje pertenço pelo afecto e pela saudade.

São elles que, discutindo tudo e apaixonando-se sempre pelas mais nobres soluções, tanto nos sacodem os nervos entorpecidos com a graça scintilante das suas risonhas ironias, como, nas horas graves do perigo, avançam intrepidamente a defender com a sua palavra e com o seu braço a honra e os direitos dos cidadãos.

* Alocução proferida na presidencia da sessão solemne celebrada em honra de Anthero de Quental pela academia de Coimbra, no Instituto, em 29 de maio de 1899.

A Academia de Coimbra tem sido um permanente fóco de agitação patriotica. E — se ainda hoje o amor das nossas coisas a não leva devotamente por esses campos fóra a estudá-las tão de perto como seria necessario para ella dar toda a côr da sua originalidade ás nossas lucubrações scientificas — no estudo pessoal dos melhores autores, feito com toda a curiosidade da sua viva inteligencia e com todas as simpatias do seu coração ardente, tem haurido as mais puras inspirações para a renovação do espirito nacional.

Não ha na Universidade uma Faculdade de letras? criam-na os seus alunos nas suas palestras e nos seus escritos, e raro será no país o movimento literario que não parta de Coimbra. A Universidade não possue um ensino filosofico, um ensino historico e moral bastante? professam-no elles entre si, e dos seus galhardos torneios saem já armados cavaleiros dos novos ideaes os mais destros lidadores.

Assim tem vindo a Academia de Coimbra a demonstrar que a lei soberana dos estudos é tambem a liberdade e a fraternidade.

Numa Universidade quer-se que todos dentro della estejam entre si unidos, como se constituissem uma só familia, tendo uns pelos outros, professores e discipulos, o carinho de irmãos, fraternalmente e liberalmente unidos no culto da verdade, acima da qual não ha logar para mais nada, porque, se a Universidade, como toda a gente, deve o seu respeito ás instituições vigentes que representem legalmente a vontade da nação, ella não é nem um partido, nem uma seita, não está escravizada a qualquer dogma politico ou religioso, não jura por nenhum, antes é egualmente seu indeclinavel dever examiná-los todos sem escrupulos para bem poder desempenhar-se da sua missão de suprema preceptora nacional, a quem principalmente compete esclarecer a consciencia publica. A verdade não se conquista senão pela livre iniciativa individual.

Prodigioso agitador de idéas e de sentimentos, ninguem encarnou melhor este espirito universitario do que Anthero de Quental, ninguem lhe foi mais fiel durante toda a vida. Póde mesmo dizer-se que elle viveu sempre a vida singéla, ingenua e

altiva, de independencia e de cordialidade, dos bons tempos de Coimbra. Associação e liberdade, acentuava elle aqui em rapaz, taes são os unicos principios salvadores do mundo moderno; e nunca mais cessou de o repetir em toda a parte, com a sua logica cerrada e empolgante, não como quem reclamava um privilegio delicado das classes dirigentes, que reservassem para si tambem a posse e o gôso dos bens moraes, mas como um direito sagrado de todos, inherente á dignidade humana. Simples estudante, revindica-o para todos os que pensam e sentem; cidadão, para todos os que trabalham.

A sua voz, inflamada de comoção, de uma sonoridade que ninguem mais teve depois de Herculano, em lance algum deixou de vibrar em prol dos humildes, exigindo dos poderosos que, pela sua probidade, repartissem com elles os frutos do patrimonio comum, unicamente confiado em deposito á sua guarda e recta administração, e não amortizado ao seu egoismo.

Mas era sobretudo pelo proprio esforço, pela sua instrução e educação, que elle esperava que o povo havia de melhorar de

sorte. O seu largo e terno socialismo tinha raizes profundas no seu rigido liberalismo.

Começa a sua carreira, escrevendo, aos dezoito annos: « Um dos grandes sintomas de regeneração e progresso moral do seculo em que vivemos, é sem dúvida o desvelado carinho com que, quasi por toda a parte, cuidam grandes e pequenos com interesse e desinteresseiramente no melhoramento e instrução do povo. » « Remissa e vagarosa, porém, vai a instrução por essa bôa terra de Portugal; e ai de nós, se não se atende a este grave mal com prontos remedios, ai de nós! » Preside em 1871 ás notaveis conferencias populares do Casino. E, em 1890, pouco antes de desaparecer, exclama: « Esse dinheiro que o povo português, num impeto de paixão patriotica, vai dar sem contar para inuteis armamentos, melhor se empregaria no fomento da instrução publica. »

Apostolo da educação popular, quer uma educação « pratica, efectiva e verdadeiramente democratica, em que os trabalhadores, pelo estudo e pela gerencia dos proprios interesses, pela revindicação dos seus pro-

prios direitos, adquiram a consciencia da sua posição. »

E elle mesmo põe ao serviço docente do povo as suas extraordinarias faculdades, e, para melhor o servir, abre-lhe os inesgotaveis tesoiros da sua convivencia, tão rica de sublimes ensinamentos. Ao seu lado é que a democracia portuguêsa ensaia alguns dos mais rasgados vôos com que busca alar-se a toda a altura dos seus augustos destinos.

Meus senhores! Nenhuma outra memoria merecia mais a veneração da mocidade coimbrã do que a do lendario academico, do filosofo, panfletista e poeta, que foi a fôrça dirigente, protestante e renovadora, mais prestigiosa do seu tempo, aqui em meio dos seus lentes, lá fóra em meio dos poderes oficialmente constituidos. Elle é que foi sempre a autoridade!

E exerceu-a, sobretudo, pela magia pessoal da sua bondade, atraíndo as almas a um novo ideal de justiça, que, primeiro do que ninguem entre nós, elle cantou nas suas odes, ideal heroico, que manda fazer o bem, ainda que por elle nos sacrifiquemos, sem esperança de outra vida que não seja a vida da comunidade em cujo

seio amantissimo fômos gerados. « O drama do ser termina na libertação final do bem » eis a sua síntese da moderna doutrina.

Os amigos intimos de Anthero de Quental chamaram-lhe santo; e de facto elle só dum pecado póde ser acusado, é da sua abnegação até á extrema deshumanidade para comsigo.

. . . . . .

Meus senhores! São aridos e tristes os dias que vão decorrendo. Chega ás vezes a parecer que não ha em Portugal logar para os homens de bem, e que elles se acham para ahi reduzidos a um ignominioso proletariado da virtude, condenado tambem, por falta de trabalho, a emigrar ou a morrer. Mas não! Com o nosso genio nacional, senhor duma das maiores fôrças historicas da civilização, e com as riquezas territoriaes que ainda nos restam das nossas seculares prodigalidades, nada é para desesperar.

Tenham fé! Olhem que não estão sós. Ha alguem que, dia a dia, obscuramente mas indefessamente, lida pelo futuro da patria. É o nosso bom povo trabalhador. Trabalhem com elle e ponham-se á sua frente, que a nossa salvação será certa.

João Penha *

A' tarde, depois de jantar, eu era um dos mais assiduos frequentadores do gabinete de trabalho de Crespo; e contâsse que, em faltando algum dia, já um bilhete delle, incisivamente convidativo, me vinha chamar ás nossas leituras e aos nossos largos passeios, *ad agros,* como dizia João Penha.

Moravam ambos numa das casas das bôas senhoras Seixas, na mais pequena, um pouco recolhida da rua, a mesma, onde morara tambem Alvaro do Carvalhal — que estou revendo, com os seus grandes olhos mortiços, o pequeno bigode descaído e os lisos cabêlos, mais negros do que a sua capa e batina, a destacarem funereamente sôbre a palidez exangue do rôsto — e onde morava

* Escrito para um numero especial da *Chronica,* em 8 de janeiro de 1902.

ainda Alberto Braga, o inexhaurivel, o inegualavel conversador, naquella alcantilada Couraça de Lisboa, por onde eu, na minha vibratilidade, nunca subia sem a mais dôce comoção, a olhar para a beleza tocante da paisagem, e a enlevar-me, já de longe, na convivencia de tão bellos espiritos. Quantas lembranças ella me evoca! Mal se saía d'entre os Palacios Confusos, logo na volta, a casinha branca, que mais parecia uma capella, da familia Vianna, mãe, filha e filho, o joven Antonio Vianna, grupo de pureza tão estética; depois, a livraria do famoso teologo dr. Motta Veiga, estudando copiosamente á janella; depois, num rez-do-chão, a mais loira das mulheres, com as mais doiradas das creanças, a enfeitar chapeus de senhoras; defronte dos dois poetas, a Mimi das *Miniaturas* de Crespo; e, para cima, a esbaterem-se nas brumas do misterio, o helenista Moraes e o retorico Borges de Figueiredo.

Como tudo está hoje tão mudado! Só não mudou a encantadora paisagem do Mondego. Quasi tudo mais morreu, desapareceu, dispersou-se. Até a propria casa de João Penha e Crespo foi impudente-

mente alinhada, e demoliram a escada e o balcão que davam acesso para ella. Nem esse sóco glorioso respeitaram!

Toda a casa era habitada pelo genio de João Penha, que descia sôbre nós dominadoramente do seu segundo andar, envolvendo-a no seu legendario prestigio. Mas raro ali o tinhamos pessoalmente comnosco; e, na casa principal, onde ficava a espaçosa sala de jantar, só nos dias festivos, quando os debates se prolongavam á mesa, em torno do perú assado com farinha de pau na enxundia, á moda brazileira, pela receita do nativista Crespo. O seu quarto era um santuario inviolavel. Quem tinha poesia ou prosa para lhe mostrar, ia lá apenas entregar-lha; e elle depois a restituia com as suas correcções, singelamente, acrescentando antes um gesto, um sorriso de incitamento ás esperanças do neofito do que qualquer dissertação oral. Os mais vivos comentarios, reservava-os para os acalorados lances dialecticos em que, nas horas de ocio, a sua critica austera, atravez dos seus gracejos e paradoxos, se exercia peripateticamente cá por fóra. Por isso até poucos adivinhavam quanto aquelle parna-

siano, a quem as excentricidades da vida exterior davam a aparencia dum chefe de bohemia, era, ao mesmo tempo, na clausura da sua cella, um matinal estudioso, paciente manuseador de todos os codigos e apostillas, que saberia mais tarde honrar no seu escritorio os creditos do insigne causidico Manoel Penha, seu paternal irmão. Avaliava-se delle pelas aulas, onde, como sempre em publico, a sua timidez contrastava pasmosamente com a scintilação crepitante da sua conversa na roda intima dos seus amigos. Havia comtudo alguem que bem pudera fazer revelações a esse respeito; era Crespo, que, mal o sentisse, recolhendo á noite, corria logo a cerrar-se, de candieiro apagado, cautelosamente, não viesse elle interpelá-lo com perguntas e questões sôbre a lição do dia seguinte, a querer levar de assalto assuntos que Crespo, essencialmente artista, um tanto supersticioso, cria que, só acotovelado á banca, de sebenta adeante, numa branda concentração proxima do sono, podiam, sem risco de estenderete, ser convenientemente digeridos e cabeceados. Nada de brincadeiras com coisas tão serias!

Mesmo no gabinete de Crespo, de ordinario só de passagem João Penha assomava no vão da porta, á nossa espera para sairmos todos juntos, de monoculo, a cabeça bamboleante, com a ampla capa pendente da gola presa pelo alamar, mais que correcto, primoroso, um ar sibilino, entre ironico e vidente, intimando-nos á partida. E lá iamos levados magneticamente, a escutar a sua palavra.

Porque elle era o centro de atracção dos nossos inquietos espiritos, anciosos de se desprenderem de todo o formalismo e ritual academico para se arremessarem ferventemente em todos os jogos livres da imaginação e do pensamento. Sob o seu influxo, a efervescencia cerebral com que reagiamos á disciplina sempre um tanto rigida e dogmatica das aulas oficiaes, desafogava-se, tomava azas e volitava pelo ar, na descuidosa palpitação das mais remontadas aspirações. De per si só, com os seus talentos e a sua cultura, elle personificava um verdadeiro ensino universitario, como, antes delle, João de Deus e Anthero. E o que era esse magisterio, aprecie-se, basta, por dois discipulos seus, que se

foram tornando seus colaboradores e emulos, Crespo e Junqueiro.

João Penha era para nós, seus contemporaneos, mais até do que um mestre; era o pontifice desta independente egreja coimbrã, em que sempre as almas juvenis, sedentas de ideal, tẽem ido comungar na pura adoração da verdade, do bello e do bem. Cheio de curiosidade por tudo, tão repentista como laborioso, poeta e prosador impecavel, humorista, a sua figura, de fino relevo original, não tinha comtudo arestas que ferissem. Admirava-se e estimava-se. Tão delicado de coração como de feições e de maneiras, a sua superioridade não doía a ninguem; e, com tantas prendas singulares, o que ainda agora mais me lembra delle, é a sua cordialidade.

Quantas vezes, de inverno, elle voltou acima ao seu quarto, onde guardava, a bom recado, os lenços de sêda com que as carinhosas das irmãs o presenteavam na vinda de ferias, para me atar um ao pescoço, que me preservasse do frio da tarde! E um anno, que fiquei reprovado num dos meus exames, elle, que tanto se perturbava com a impressão do grande publico, ao receber

a sinistra noticia, saltou indignado, em impetos de ir para a rua amotinar as massas, clamando: E' preciso fazer uma revolução!

João Penha revolucionario! A mim fez-me sorrir, mas foi de sincero enternecimento, no mais desvanecido alvoroço de gratidão.

Saraus do Instituto

Minhas senhoras e meus senhores *!

Neste dia, em que por todo o país, com uma enternecedora efusão religiosa, todos os annos se entôam canticos á virtude na sua encarnação mais pura e mais tocante, tambem por muito tempo a nossa Universidade, como que em nome da bemdita senhora, imagem sacrosanta do amor maternal, abençoava os esforços dos seus alunos, distribuindo premios aos mais distintos.

Nós, que pela nossa fundação somos um instituto de veteranos universitarios, quizemos reviver a amoravel tradição, abrindo

* Alocução pronunciada no sarau do Instituto de Coimbra, no dia 8 de dezembro de 1896, em honra dos alunos laureados da Universidade de Coimbra.

hoje as nossas salas á brilhante pleiade academica em cujo seio sempre se renova o nucleo das nossas assembléas.

Oferecemos-lhe uma festa muito simples, mas que de certo lhe será gratissima: algumas horas de intima convivencia com os seus mestres e com a sociedade de Coimbra. Os seus mestres são a sua segunda familia, e querem-lhe como aos herdeiros do seu espirito. Coimbra, pelos enlevos da sua historia e da sua paisagem, pela graça scintilante do seu genio, e até pela cariciosa voz tão scismadora das suas filhas, póde dizer-se a terra natal da meditação e do estudo, e é do coração universitaria.

Em nome da direcção do Instituto, saúdo com vivissima simpatia os nossos hospedes, fazendo votos por que, ao calor desta reunião, a que as senhoras, a poesia e a musica vão comunicar toda a irradiação dos seus encantos, se estreitem ainda mais as caroaveis relações entre professores e alunos, e entre a academia e a sociedade de Coimbra. Assim nós tambem preludiaremos auspiciosamente aos nossos trabalhos!

MINHAS SENHORAS E MEUS SENHORES *!

O Instituto, este centro de reunião comum a professores e a alunos, á academia e á sociedade de Coimbra, de novo se veste hoje de galas para receber festivamente os estudantes laureados da Universidade, discipulos, companheiros e hospedes dilectos dos seus consocios.

Só a virtude é digna de premio; mas claramente que é uma virtude o estudo, quando, mais ainda que a legitima ambição de cultura pessoal, o impulsa e realenta o anceio de bem servir os progressos da civilização. Quantos transes acerbos e quantas dores nos não assaltam no seu caminho!

Sem estudo não póde haver liberdade nem dignidade de acção; estudo e acção confundem-se mesmo. Cada vez se vai

* Alocução do presidente do Instituto de Coimbra no sarau literario-musical oferecido na noite de 8 de dezembro de 1897 aos alunos laureados da Universidade.

comprehendendo melhor que a instrução é o proprio trabalho, e que, como elle, se deve orientar pela suprema lei do universo, que é a lei moral, sob pena de irremediavel esterilidade e malogro. A escóla, para desempenhar a sua missão, tem de ser um orgão vivo da sociedade, pulsando com as suas esperanças e com as suas amarguras, identificada com o seu destino; isto é — porque o não direi? — toda escóla, desde a primaria até a superior, tem de ser sobretudo uma instituição politica.

Os titulos de honra duma Universidade não estão só nos espiritos que ella fórma a dentro das suas aulas, mas tambem nos serviços sociaes que conjuntamente presta em deredor de si, tanto nas grandes verdades que descerra e propugna, como nos avisos, ensinamentos e conselhos que a todo instante amiudam os seus teologos, os seus jurisconsultos, os seus medicos, os seus letrados e homens de sciencia, nos estudos com que valoriza o patrimonio comum, nas culturas novas que vai até ás colonias implantar, nas enfermidades e nas epidemias locaes que debella e extingue, nos direitos que revindica, nos batalhões

ardentes que improviza em sagrada defensa da honra e da independencia da patria... E tudo isto tem feito na sua gloriosa carreira, e ainda nos mais recentes dias, a nossa querida Universidade.

Saudemo-la, pois, nos seus melhores filhos!

MINHAS SENHORAS E MEUS SENHORES *!

A sociedade tem deveres para com a juventude, que não póde delegar em ninguem.

Já é lastima que, durante os preparatorios geraes, se cortem ás novas gerações os laços de intimidade com os seus parentes e compatriotas, não contando com ellas para a vida domestica, nem preparando-as para a

* Este sarau do Instituto não chegou a realizar-se, por começar nesse ano de 1898 a haver na mesma noite de 8 de dezembro baile na reitoria da Universidade, por iniciativa do reitor, dr. Manoel Pereira Dias.

vida nacional, e isto na quadra feliz em que tudo se aprende a brincar, ainda o exercicio da disciplina e do sacrificio livre. Que ao menos á clausura do colegio se não siga o isolamento universitario!

Mas não basta abrir á mocidade as portas das cidades e dos campos, para que ella possa extasiar-se na contemplação da beleza tocante dos nossos monumentos e das nossas paisagens; é preciso tambem que a sociedade lhe abra de par em par as portas das suas proprias casas, para que ella possa no seu trato saborear os encantos da polidez, da afabilidade e da benevolencia, que são os mais dôces frutos dos progressos da civilização.

Neste afectuoso intuito o Instituto tem o prazer de reunir aqui, mais uma vez, o magisterio e a sociedade de Coimbra em volta dos alunos laureados da nossa Universidade.

Quereriamos que elles saissem destas salas com um mais entranhado gôsto pela convivencia, com o terno desejo de se aproximarem das pessôas de maior edade, levando as simpatias da sua curiosidade a todas as classes, áquellas tambem que infe-

lizmente não podemos ainda trazer a esta reunião, ás classes pobres, em cujo seio germinam fortemente e florescem tanta vez com incomparavel brilho as mais puras dedicações do coração humano.

O amor do povo confunde-se com o amor dos nossos maiores, desses bravos plebeus, obscuros ou ilustres, a cujo perseverante esforço, nós, seus filhos ou netos, devemos em grande parte o prestigio do nosso nome e o desafogo da nossa situação. Cultive-o devéras na sua alma generosa a mocidade academica, que só assim se formará dignamente para bem servir com o seu civismo a causa augusta da patria.

Recepção aos novatos

MEUS SENHORES *!

Anno passado, por esta mesma época, eu proclamava que uma Universidade devia ser escola de tudo, mas sobretudo de liberdade.

E' que só a liberdade associa. O despotismo conduz fatalmente á discordia, ás violencias. E reciprocamente. A ninguem, pois, mais grato do que a mim este bello festival em que a academia de Coimbra protesta, com toda a efusão do seu brio juvenil, os sentimentos de atraente e acolhedora camaradagem que a animam.

* Alocução na presidencia da festa academica celebrada no salão da Associação dos Artistas de Coimbra, no dia 5 de novembro de 1905.

Assim como a autocracia do veterano para com o novato foi sempre o infesto preparatorio da aristocracia do professor sobre o aluno e dos governantes sobre os governados, assim o abraço que hoje os antigos estudantes dão nos recemchegados é a promessa auspiciosa da solidariedade que, espero-o confiadamente, em breve reinará entre todas as nossas classes sociaes.

Honra a quantos se esforçam por que a uma Universidade, a uma cidade e a uma nação divididas, dilaceradas e até mesmo por vezes enlutadas por dissensões e conflitos interiores, sucedam uma Universidade, uma cidade e uma nação inviolavelmente fortalecidas pelos indissoluveis laços da mais carinhosa e solícita cohesão!

Esse tem sido, ha muito já, o ideal dos mais generosos espiritos do corpo docente universitario, um dos quaes bem digno de ser memorado nesta consoladora solenidade, porque tudo, todos os seus talentos e todas as suas ambições pessoaes lhe sacrificou, desaparecendo afinal na morte quasi obscuramente, o insigne professor e publicista dr. Manuel Emigdio Garcia; e foi tambem o do venerando fundador desta

Associação dos Artistas, o grande amigo dos proletarios, Olimpio Nicolau Rui Fernandes, que tantas vezes aqui reuniu em inolvidaveis saraus os estudantes e os lentes com a sociedade de Coimbra.

E nesse mesmo nobre ideal de confraternização se veiu inspirando cada vez mais a mocidade academica até ser hoje felizmente unanime em lhe prestar fervoroso culto.

A academia está para a Universidade como o povo para as instituições. E' no seu seio que principalmente se geram e se elaboram as redentoras reformas. E eu de todo o coração aplaudo a pacifica revolução democratica que os alunos da nossa Universidade este anno emprehenderam, esboçando na vida academica a republica fraternal, que é hoje a aspiração profunda, ardente e inelutavel da alma livre e heroica do povo português.

A primeira liberdade é a d'amar. Toda a paixão que a tolha, seja qual fôr, ainda

a da verdade, a do saber, escraviza-nos, não é paixão, é desvairamento, embriaguez. Saber quer dizer sempre moralmente, antes de mais nada, saber amar.

O coração ha de seguir os ditamens da razão; mas, divididos pelos sentimentos, a custo nos poderemos reunir pelos mesmos principios, e não é nunca a superioridade da instrução que nos é licito invocar para orgulhosamente paralysarmos ou suspendermos sequer em nós os impulsos afectivos.

O descaroamento de qualquer escola para com os neofitos que a procuram sem protecção, degrada-a.

Para dar expansão ao espirito ardente d'acção e d'aventura das novas gerações, não são precisas investidas brutaes, que desnaturem o heroismo juvenil. Façam os rapazes das proprias tradições guerreiras jogos athleticos, e excitem sobretudo os seus musculos e a sua coragem em todas as benemeritas corporações de voluntarios que acodem pela vida humana nos mais perigosos transes. Só assim o seu valor os tornará dignos das boas e delicadas companheiras, suas emulas no estudo, que já

hoje nas nossas aulas tanto contribuem para dulcificar e moralizar o trato e os costumes academicos.

Palavras publicadas no numero unico da « Recepção aos novatos », 1905-1906.

A academia de Coimbra *

MEUS SENHORES!

A academia de Coimbra foi sempre avançada. E hoje, apesar da sedução dos sucessivos feriados e das intimidações á pranchada e a tiro pelos processos da Russia autocratica, o facto é, justiça se lhe faça, que ninguem póde em verdade dizer que ella seja monarchica. Nem lhe estava na natureza! Mas, salvo raras intermitencias, em que por momentos relampejou de novo a sua antiga hombridade — e ninguem mais do que eu lho deve reconhecer — o que ella nos ultimos tempos lastimavelmente tem sido, é dum apagado

* Discurso na presidencia da inauguração do Centro academico republicano de Coimbra em 28 de janeiro de 1906.

indiferentismo ás sugestões valorosas da vida social.

Quantos dos seus membros se tirariam galhardamente da forte entalação em que se viu Gonçalves Crespo, ainda estudante, uma vez que — como elle então me escrevia e já o contou Teixeira de Queiroz — estando a banhos em Aljustrel, o paroco da freguezia, que o hospedara na residencia, lhe pediu instantemente para a sua gazeta oposicionista um artigo de fundo têso! De fundo! Se elle ignorava profundamente os emaranhados negocios da governança, ao ponto de nem saber sequer quem eram os revoltantes estadistas que tanto irritavam a opinião publica na pessoa do bizarro anfitrião e belicoso pastor de almas! Mas Crespo era Crespo; e saiu-se do apuro com uma brava catilinaria, do meio de cujas ardentes prosopopeias esfusiava repetidamente, como um estribilho de morte, esta apostrofe solene: Mais moralidade, senhor ministro do reino! O enthusiasmo faccioso do abade ia amolgando com um abraço excessivamente apertado as costellas do seu flamante neofito politico.

E' certo que a indiferença da academia não é apathica. Raros são felizmente os exemplares como certo quintanista que, aqui ha poucos annos, assegurava com a mais ingenua inocencia a sua risonha confiança no futuro, porque de dois tios que ditosamente possuia, um influente regenerador, outro trunfo progressista, qualquer delles com certeza o havia de nomear administrador do concelho, logo após a sua formatura. Raros terão este calibre. E, se não faltam rapazes que, durante o seu curso universitario, de cerviz abatida, se preocupam demais com o diploma e com a carreira e de menos com os principios e com a causa publica, alguns mesmo, já em tão tenros annos, aspirantes oficiaes a ministros, esboçando, ou antes, caricaturando, até nas maneiras e no penteado, os altos dignitarios a cuja imagem se vão compondo gravemente, esses taes, por muito que acentuem um tipo antipathico e odioso de bacharel, não passam, ainda assim, duma diminuta minoria. A maior parte dos indiferentes são-no por distracção da edade. A cada geração nova, a alma enflora-se de todas as virtudes atavicas da nossa gente com uma

efervescencia tumultuaria: a camaradagem, o amor, o prazer de viver arrebatam-na. E nada mais encantador do que o lirismo juvenil! Mas, ai! em Coimbra, longe dos paes, longe das irmãs, em meio de tantas solicitações degradantes, que de vezes o amor se não corrompe e dissolve no prostibulo, a camaradagem no jogo e o prazer na embriaguez!

Que precisa, pois, a nossa mocidade academica? Dar ás suas generosas paixões toda a elevação moral. E, para isso, primeiro disciplinar-se, governar-se.

Uma unica fórma de governo lhe convém. A experiencia comparada das instituições ha muito que está feita em Coimbra. Ahi têem, lado a lado, a monarchia dos estudantes governados por um professor ou por um clerigo e a republica presidida por um veterano eleito. Qual dos dois regimens é a ordem, o estudo? Respondam os fastos academicos. São lendarias, tradicionaes, ainda dos nossos dias, as insurreições dentro das monarchias. Sempre que o monarcha tenta coarctar a liberdade, aferrolhando á noite a porta da casa, guerra á ditadura! o povo, amotinado, revindica os seus direi-

tos de personalidade, saltando pelas janellas. Depois, é uma emigração constante das monarchias para as republicas. Os grandes, os famosos centros de cavaco e discussão foram sempre absolutamente livres. A republica é a vida, a alegria, a paz, e ainda, por mais que pareça inverosimil em rapazes, a economia, a subordinação. Entre os meus contemporaneos, houve ministros da fazenda academica que conquistaram brilhantes reputações financeiras. O pouco que se gastava, por exemplo, numa republica de amigos meus da rua da Trindade, de que aliás eram comensaes alguns dos melhores e mais pantagruelicos estomagos da academia, tornou-se tão prodigioso, que só o explicavamos pelas artes magicas da velha servente sr.ª Theresa, que eu, annos depois, visitando Coimbra e o hospital da Universidade, fui encontrar, quasi expirante, sobre a sua enxerga, com a mesma serenidade, o mesmo doce sorriso celestial, com que punha na mesa mais um talher para a ceia, á minha chegada a casa de seus amos. Santa mulher! Ali sósinha! esquecida! E a republica academica já tem feito tambem as suas provas de que

garante egualmente, com a liberdade, a autoridade. Só mesmo com ella ha verdadeiro governo de força. Discute-se, mas obedece-se. Lembro-me de quando ás vivas reclamações do meu companheiro Carlos Lobo d'Avila, que pretendia café todos os dias ao jantar — e note-se que elle tinha, por si, como presumirão, um forte partido, e já então manifestava um grande talento para captar os proprios adversarios — eu, que, como governo, devia aplicar a lei, respondia da cabeceira da mesa, severamente: Só ás quintas e domingos! E elle, resignado,... ia tomá-lo lá fóra. Mais tarde, quando quiz fazer outro tanto, como ministro da nação, deitou-me o mesmo Carlos Lobo d'Avila abaixo do poder. Vejam a diferença!

O programa do governo academico é evidentemente a instrução.

A academia tem de difundir no seu seio esta instrução que só as Universidades exclusivamente possuem a virtude de ministrar, a livre instrução geral que tanta plasticidade e agudeza dá ao engenho dos seus alunos. Noutras escólas superiores póde o

estudante formar-se proficientemente tambem em qualquer especialidade, mas esta radiosa fecundação intelectual falta-lhes; e por isso ha muito que pugno pela integração dos estudos na Universidade de Coimbra e pela reunião dos altos estudos de Lisboa e do Porto em centros universitarios.

O que assim mutuamente se aprende nessa feliz quadra da vida em que se está sempre anciando por saber tudo! Eu, a literatura, bebia-a todos os dias na Castalia dos parnasianos da *Folha*, no gabinete do nosso popular Crespo, que, por sinal, tinha o requintado escrupulo artistico de sujeitar os seus versos novos a serem lidos d'alto logo á primeira por um profano como eu. O quarto de Junqueiro, hoje pontifice maximo das letras, era tambem um tabernaculo da minha particular devoção. Foi lá que, um inverno, que a geada caía em flocos cá fóra, nós mal sentimos os seus rigores, abrazados pelas chamas do teatro d'Hugo. E, assim como para Victor Hugo tive Junqueiro, ainda pude ter Antonio Candido para Castelar. José Frederico Laranjo lia-me em Platão e em Xenophonte os dialogos de Socrates, averbando-me de

sofista, quando eu irreverentemente objectasse. E era elle tambem que, palpitante de esperanças redentoras, me recitava o verbo cordial do socialismo tanto no positivista Saint Simon como no utopico Fourier. Proudhon, ouvi-o ainda antes, sobretudo nos trechos mais contundentes, a Marçal Pacheco, que, dizendo-se o vingador duma série infinita de proletarios espoliados, seus ascendentes, afiava as armas de polemista para o aspero *strugle for life*. Com Alves da Veiga discuti gravissimos problemas filosoficos e sociaes. E eu mesmo ajudei varias vezes insignes jurisconsultos futuros, em conjuntura d'acto d'exame, a argumentaram os seus pontos; até, para meu eterno desvanecimento, corria entre elles com apreço a ousada interpretação heterodoxa dum artigo do codigo civil em que eu, rebelde naturalista, me abalançara a dissentir do consagrado comentario do sr. José Dias Ferreira. Aqui tẽem como entrei pelo direito, e, quasi diria, como já então me preparava para as revoltas republicanas.

Esta comunhão intelectual da academia faz-se por toda a parte, mesmo ao ar livre,

ás vezes até melhor. Correia Barata, o talentoso propagandista do darwinismo, demonstrava-nos a origem simiana do homem, dependurado, á noite, dos galhos das arvores da alameda da Universidade. E para este choque e transmissão de idéas contribuem todos os alunos, desde os medicos mais materializantes até aos mais sobrenaturalistas teologos. Advertirei mesmo: os teologos são preciosos. Esgrimindo com elles, com a sua pertinaz escolastica, vão os outros temperando a razão para rebater todos os assaltos da heresia. E é prudente não esquecer que no fundo atavico do homem moderno, em meio da selva escura de sobrevivencias supersticiosas por arrancar, subsiste ainda hoje, sempre, mais ou menos, dentro de cada um de nós, de silogismo engatilhado, um teologo. Ao meu curso, fez-nos um incalculavel bem a companhia de Antonio Maria de Senna, que vinha para as sciencias naturaes, já bacharel em teologia, ao tempo do formidavel dialectico P.e Albino, apercebido portanto com todos os petrechos para a atacar.

As leituras, palestras e distracções da mocidade influem por toda a vida; e só

ellas explicam certos aspectos picantes da edade madura. O socialismo cosmico por que ultimamente se manifestou o genio de Guerra Junqueiro, não me surprehendeu a mim, com quem elle aqui trocara o seu exemplar do livro — *Da intelligencia* — de Taine pela obra de Maury sobre as correntes maritimas que eu possuia. Ao partir de Coimbra, formado, elle metia nos seus bahus mais volumes de leis fisicas do que de leis humanas. Quem lê as paginas florentinas de Augusto Fuschini, e o vê dissertando d'arte e presidindo á reconstrução da Sé de Lisboa, desconhece provavelmente que elle tinha sobre a banca de José Falcão, de quem era companheiro de casa, ali aberto desde o tempo de Anthero de Quental, o Quinet, e que, ao passo que em estudante se aguerria contra o conde d'Avila com o panfleto — *As conferencias do Casino e a reacção* —, manuseava estudiosamente as memorias de Mousinho e de Murphy sobre a Batalha. Eduardo Alves de Sá, que, além do causidico que todos sabem, pinta delicadamente — pae desse sonhador rapaz que, ainda ha pouco, atravessava a cidade, embuçado, levando mis-

teriosamente sob a capa o pincel e a paleta — entretinha-se nas vesperas de feriado a folhear embevecidamente as grandes edições ilustradas.

Até a linha, a côr, a musica da palavra estão geralmente denunciando o antigo universitario, o filho desta nossa Universidade, que conjuntamente mantêm as tradições e opera as revoluções literarias. A elegancia de dição de Julio de Vilhena é dum incorrigivel cultor das musas, que poetou impunemente nas barbas dos seus lentes. A eloquencia de Hintze Ribeiro ainda agora me sôa um tanto á predilecção da sua mocidade por Filinto Elysio.

Por vezes sucede que estas influencias reciprocas de Faculdade para Faculdade, duns para outros estudos, não se limitam a dar relevo e horizonte á especialização da aula, tornam-se predominantes, são ellas que estimulam e acalentam no aluno a sua verdadeira especialidade, que desenvolvem e fazem vingar a sua vocação original. A aula então passa para o segundo plano, quando mesmo não desaparece. Vejam Teixeira de Queiroz. Estudante laureado pelos seus professores; mas o principal do

seu labor academico foi a *Comedia do campo*, que elle timidamente submetia ao julgamento magistral de João Penha. Multipliquem-lha pelo seu curso de medicina, e terão em germen o Bento Moreno todo. Exemplo da segunda especie, o contista Alberto Braga, que nunca deu uma falta nas suas aulas livres, donde saiu com brilhantes informações de conversador, e que com egual regularidade perdeu todos os annos nas aulas oficiaes, sem embargo de toques de cabra e de bedeis.

Um ramo de instrução reclama instantemente os cuidados da academia. E' a instrução industrial geral que nos avigora para a acção — seja para um serviço comum, seja para um arriscado lance — a que se dá o nome de exercicios fisicos, de desportos. Os nossos rapazes necessitam de passear mais, de ir em excursões por ahi fóra, a ver as nossas paisagens, a visitar os nossos monumentos. E passem todos algumas horas da semana pela arena da cerca de Sant'Anna, onde já consegui, em cada um dos ultimos annos, que um grupo de estudantes de mais iniciativa lhes désse o esforçado exemplo. Estão na edade

do movimento, dos arrôjos; não a desaproveitem. Não basta para nossa dignidade humana erguermo-nos na atitude erecta, devemos sustentar-nos nella. Exercitando a sua coragem nas lutas athleticas contra as forças fisicas, ir-se-hão enrijando para as outras. O servilismo covarde dos chamados dirigentes em Portugal é em grande parte muscular. Se não fazem nada!

Uma instrução assim, que é logo convivencia, união, é profundamente educadora, humanista. Cria esta religião de afectos que resiste a todas as colisões da vida entre antigos condiscipulos e camaradas d'aula, nivella ricos e pobres, pondo acima da fortuna a intrepidez e o desprendimento, e não dá só plasticidade e agudeza ás inteligencias, dá tolerancia e assimilação, irmana os homens pelos principios, pelo dever. Aprender a dar razão aos outros é aprender a repartir com elles o poder. Quem sacrifica o individualismo egoista duma idéa falsa, esse é capaz de todos os mais sacrificios. Ao contrario, as pessoas que não ouvem a ninguem, que não discutem e quebram as arestas das suas opiniões com ninguem, são